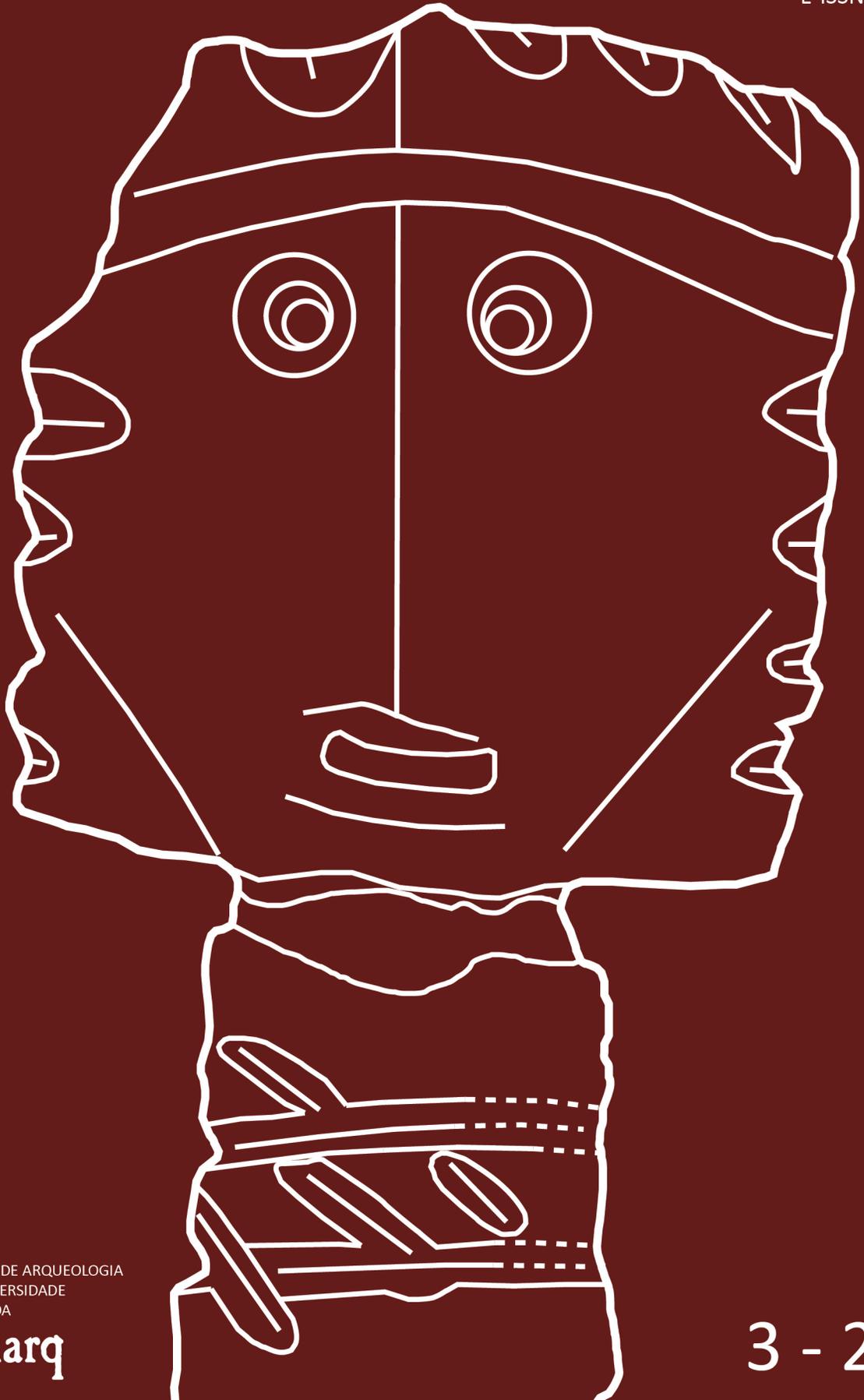


OPHIUSSA

REVISTA DO CENTRO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

ISSN 1645-653X
E-ISSN 2184-173X



OPHIUSSA



UNIVERSIDADE
DE LISBOA



LETRAS
LISBOA

FCT

Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR



CENTRO DE ARQUEOLOGIA
DA UNIVERSIDADE
DE LISBOA

uniarq

OPHIUSSA. Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa

ISSN 1645-653X / E-ISSN 2184-173X

Publicação anual

Volume 3 – 2019

Direcção e Coordenação Editorial:

Ana Catarina Sousa
Elisa Sousa

Conselho Científico:

André Teixeira (Universidade Nova de Lisboa)
Carlos Fabião (Universidade de Lisboa)
Catarina Viegas (Universidade de Lisboa)
Gloria Mora (Universidad Autónoma de Madrid)
Grégor Marchand (Centre National de la Recherche Scientifique)
João Pedro Bernardes (Universidade do Algarve)
José Remesal (Universidade de Barcelona)
Leonor Rocha (Universidade de Évora)
Manuela Martins (Universidade do Minho)
Maria Barroso Gonçalves (Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa)
Mariana Diniz (Universidade de Lisboa)
Raquel Vilaça (Universidade de Coimbra)
Xavier Terradas Battle (Consejo Superior de Investigaciones Científicas)

Secretariado: André Pereira

Capa: André Pereira sobre amuleto de osso de Mirobriga (desenho de Filipe Sousa).

Revisor de estilo: Francisco B. Gomes

Paginação: Elisa Sousa

Impressão: Europress

Data de impressão: Dezembro de 2019

Edição impressa (preto e branco): 300 exemplares

Edição digital (a cores): www.ophiussa.letras.ulisboa.pt

ISSN: 1645-653X / E-ISSN 2184-173X

Depósito legal: 190404/03

Copyright © 2019, os autores

Edição: UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras de Lisboa, 1600-214 – Lisboa.
www.uniarq.net - www.ophiussa.letras.ulisboa.pt - uniarq@letras.ulisboa.pt

Revista fundada por Victor S. Gonçalves (1996).

O cumprimento do acordo ortográfico de 1990 foi opção de cada autor.

Esta publicação é financiada por fundos nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projecto UID/ARQ/00698/2013.

ÍNDICE

CÉSAR NEVES - <i>O Neolítico Médio em Portugal: percurso de investigação</i>	5
SEBASTIÁN CELESTINO PÉREZ - ESTHER RODRÍGUEZ GONZÁLEZ - <i>El santuario de Cancho Roano C: un espacio consagrado a Baal y Astarté</i>	27
JOÃO PIMENTA - CARLOS TAVARES DA SILVA - JOAQUINA SOARES - TERESA RITA PEREIRA - <i>Revisitando o espólio das escavações de A. I. Marques da Costa em Chibanes: os dados proto-históricos e romano-republicanos</i>	45
GIL VILARINHO - <i>A terra sigillata do Castro de Romariz (Santa Maria da Feira, Aveiro): da romanização ao abandono de um povoado fortificado no Noroeste Peninsular</i>	81
ANA MARGARIDA ARRUDA - <i>Ânforas da Quinta do Lago (Loulé, Portugal): as importações</i>	93
FILIPA ARAÚJO DOS SANTOS - <i>Estudos sobre a cerâmica comum da Oficina de Salga 1 de Tróia (Grândola, Portugal): contextos da primeira metade do século V</i>	111
CATARINA FELÍCIO - FILIPE SOUSA - <i>Dois amuletos em osso de Mirobriga - evidências do culto de Magna Mater?</i>	133
TÂNIA MANUEL CASIMIRO - SARAH NEWSTEAD - <i>400 years of water consumption: early modern pottery cups in Portugal</i> ..	145
JOAQUINA SOARES - LÍDIA FERNANDES - CARLOS TAVARES DA SILVA - TERESA RITA PEREIRA - SUSANA DUARTE - ANTÓNIA COELHO-SOARES - <i>Preexistências de Setúbal: intervenção arqueológica na Rua Vasco Soveral 8-12</i>	155
RECENSÕES BIBLIOGRÁFICAS (textos de António F. Carvalho, Victor S. Gonçalves, Francisco B. Gomes, Carlos Pereira, Jesús Acero Pérez e Carmen R. Cañas).....	185
IN MEMORIAM - PEDRO MIGUEL CORREIA MARQUES (1979 - 2019) (texto de Amílcar Guerra).....	211

OPHIUSSA

VOLUME 3, 2019, PÁGINAS 111-131. SUBMETIDO A 27.05.2019. ACEITE A 15.09.2019.

ESTUDOS SOBRE A CERÂMICA COMUM DA OFICINA DE SALGA 1 DE TRÓIA (GRÂNDOLA, PORTUGAL): CONTEXTOS DA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO V

STUDIES ON COMMON WARE FROM THE FISH-SALTING WORKSHOP 1 FROM TROIA (GRÂNDOLA, PORTUGAL): CONTEXTS FROM THE FIRST HALF OF THE 5TH CENTURY

FILIPA ARAÚJO DOS SANTOS¹

RESUMO

Este estudo analisa a cerâmica comum de dois contextos descobertos nos níveis de abandono e destruição da Oficina de salga 1 de Tróia, datados de entre o final do século IV e o segundo quartel do século V.

A análise realizada permitiu concluir que existe uma diversidade considerável de produções, mas cuja maioria diz respeito a produções regionais. Ao nível das formas, a importância dos diferentes recipientes no conjunto aproxima-o claramente dos conjuntos domésticos mais tardios da ocupação romana, demonstrando que a comunidade do início do século V de Tróia se integra numa evolução normal que existiu no litoral ocidental e interior da Lusitânia. As presenças mais longínquas demonstram ainda a vitalidade das rotas comerciais provenientes do Mediterrâneo.

Palavras-chave: cerâmica comum, Tróia, lixeira, oficina de salga, consumo regional.

ABSTRACT

This study analyses the common ware belonging to two archaeological contexts from the abandonment/destruction phase of the Fish salting Workshop 1 in Tróia, dating from the late 4th and second quarter of the 5th centuries AD.

This analyses permitted to conclude that there is a wide variety of productions, but the majority of the pieces was regionally produced. Regarding the shapes present, the proportion of certain forms places it firmly in the later stages of Roman domestic occupations, which demonstrates that Tróia's community suffered a "normal" evolution, equivalent to what was felt throughout the west coast and interior of 5th century *Lusitania*. Additionally the presence of material produced further afield seems to demonstrate that Mediterranean trade-routes were still thriving.

Keywords: common ware, Tróia, garbage dump, fish salting workshop, regional consumption.

1 - filipa.ar.santos@hotmail.com

*Este artigo foi redigido com a norma da Língua Portuguesa anterior ao Acordo Ortográfico de 1990.

1. INTRODUÇÃO

O sítio arqueológico de Tróia situa-se numa língua de areais do lado Este da restinga arenosa que forma a actual península de Tróia, na margem esquerda do baixo vale do Sado, diante da actual cidade de Setúbal (fig. 1). Os vestígios arqueológicos identificados permitiram considerá-lo como o maior centro industrial de produção de preparados piscícolas conhecido no mundo romano (Pinto - Magalhães - Brum 2011: 163-166), sendo que actualmente estão identificadas 27 oficinas de salga e um período de produção do segundo quartel do século I à primeira metade do século V. Conhecem-se ainda áreas com outras funções, como um espaço termal, uma área residencial, espaços funerários, uma basílica paleocristã, demonstrando um sítio de grande vitalidade económica. Os vestígios de reutilização do espaço de várias oficinas têm vindo a demonstrar que o sítio continuou a ser ocupado durante mais algum tempo. Algumas cerâmicas finas e ânforas comprovam que o sítio foi frequentado pelo menos até meados do século VI, sendo que as peças mais tardias poderão atingir o século VII (Pinto - Magalhães - Brum 2016, Magalhães - Pinto - Brum

no prelo), ainda que se trate de um conjunto muito escasso de artefactos que pode relacionar-se apenas com a frequência dos espaços funerários.

Este trabalho resulta da dissertação de mestrado «A cerâmica comum da oficina de salga 1 de Troia (Grandola, Portugal): contextos da primeira metade do século V» (<https://repositorio.ul.pt/handle/10451/37234>).

2. OS CONTEXTOS ESCAVADOS SOBRE O PÁTIO DA OFICINA DE SALGA 1

A oficina de salga 1 localiza-se na zona melhor conhecida do sítio arqueológico de Tróia, tendo a área das termas a sudeste e a nordeste a oficina de salga 2. O conhecimento em torno deste espaço beneficiou de trabalhos de investigação dispersos desde a década de 1950 (Étienne - Makaroun - Mayet 1994, Magalhães 2010: 15). Em 2008 e 2009, no âmbito do Projecto de Valorização das Ruínas Romanas de Tróia, promovido pela empresa Tróiaresort - Investimentos Turísticos, S.A., foi escavada uma parte da área sudeste da oficina 1, designada por Sector 3 (Pinto - Magalhães - Brum 2010a: 3), onde foram descobertos os depósitos agora em estudo.



Fig. 1 - Localização de Tróia na Península Ibérica (adaptado de Magalhães 2010).

Os diversos trabalhos permitiram concluir que a oficina 1 é construída no segundo quartel do século I, sendo que o faseamento da sua ocupação até ao seu abandono entre a segunda metade do século IV e a primeira metade do século V pode ser consultada em artigos de síntese (Étienne - Makaroun - Mayet 1994: 36, Pinto - Magalhães - Brum 2010a, 2010b, 2010c: 133-159, 2011: 146-147, 2018: 159, Reynolds - Bonifay - Cau 2011: 16, 26-27).

As escavações de 2008 e 2009 permitiram a escavação de uma pequena área com cerca de 32m² a sudeste do poço de mergulho desta oficina (Pinto - Magalhães - Brum 2010a) (fig. 2). Esta escavação permitiu a identificação de depósitos de areia (U.E.'s [471], [487] e [518]) entremeados por depósitos arenosos com concentração de materiais arqueológicos e fauna (U.E.'s [480], [486], [488] e [519]) sobre estratos argilosos (U.E.'s [528], [535], [554]) identificados como níveis de abandono e destruição acumulados sobre o pátio da oficina.

As unidades [480] e [486] não foram escavadas por estarem a sudeste da área de intervenção. Foram ainda descobertas três ânforas funerárias enterradas nas camadas de areia (a vala para deposição de uma das ânfora cortava a U.E. [480] e as restantes cortavam a U.E. [486]).

As unidades estratigráficas [488] e [519] foram estudadas no âmbito deste trabalho. A quantidade e o tipo de materiais e a presença abundante de carvões evidenciam a composição típica de uma lixeira romana. A unidade [488] era um depósito acinzentado, com concentração elevada de carvões, alguns de grande dimensão, textura solta de matriz arenosa, onde se identificou uma elevada concentração de materiais arqueológicos, fauna mamalógica e malacológica, algumas manchas de *garum*. A U.E. [519] apresentava uma matriz arenosa enegrecida, com elevada frequência de carvões e com uma concentração de materiais ainda maior que nas camadas precedentes. Foi encontrada uma grande

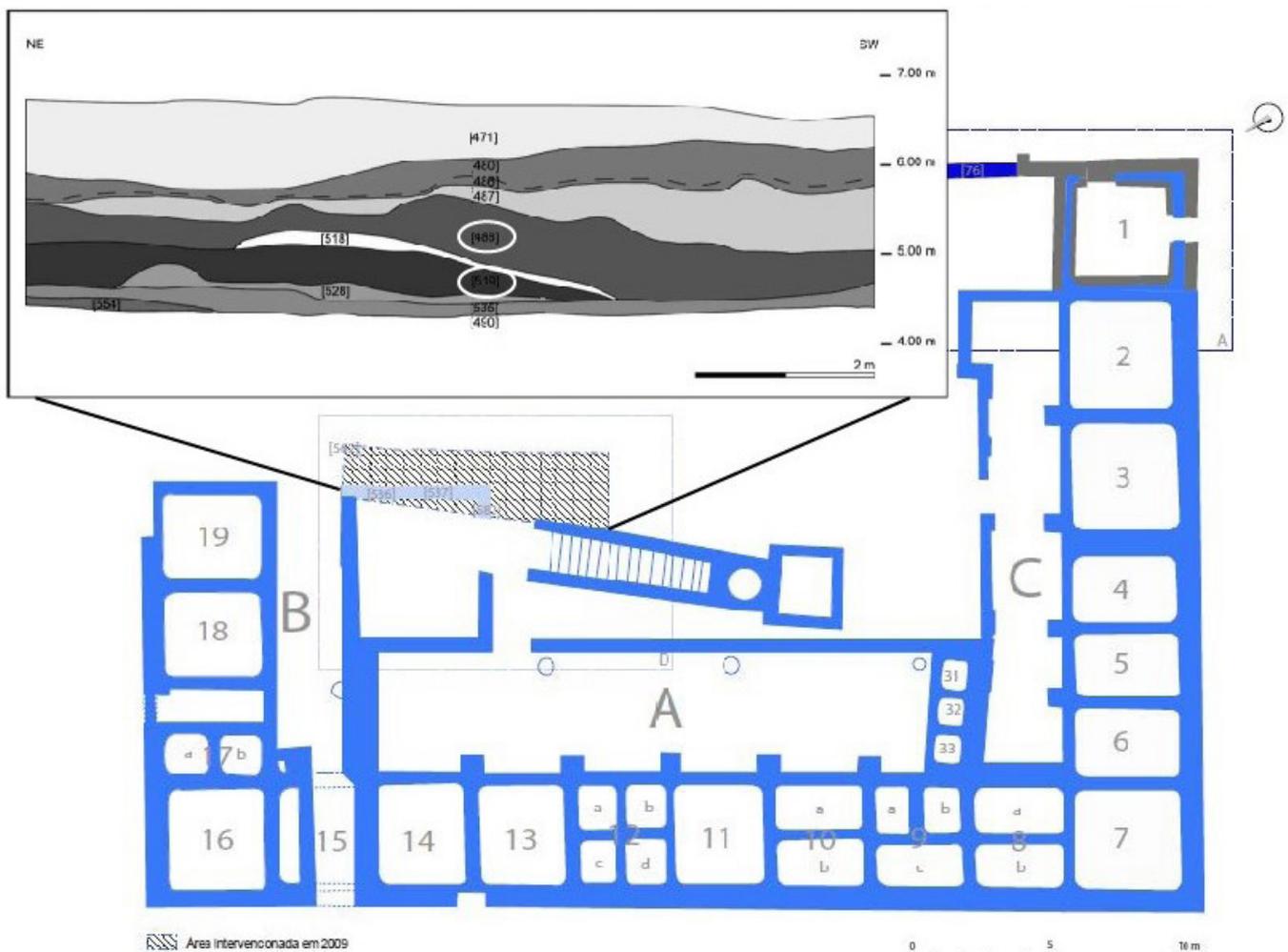


Fig. 2 - Oficina de salga 1, com a área escavada em 2009 a pontilhado e o desenho do corte sudeste da escavação onde se identificaram as U.E.[488] e [519] (Pinto - Magalhães - Brum 2010a).

frequência de argamassa, artefactos arqueológicos, assim como fauna malacológica e ictiológica em grande quantidade, com mandíbulas ou esqueletos em conexão.

Estas unidades foram anteriormente estudadas a partir das ânforas, *terra sigillata* e cerâmica de cozinha africana descobertas (Magalhães 2010, Magalhães - Brum - Pinto 2014, Pinto - Magalhães - Brum 2012). Os dois depósitos apresentam conjuntos de materiais cronologicamente muito semelhantes, demonstrando que o período de tempo que as entremeou e que levou à deposição das areias da U.E. [518] deve ter sido curto, não sendo discriminável pelos materiais arqueológicos que as compõem. De acordo com os estudos prévios, a *terra sigillata* recuperada nos dois contextos demonstra um conjunto predominante de formas cuja datação está entre o final do século IV e o primeiro quartel do século V (Hayes 59B, Hayes 61A, Hayes 62/El Mahrine 5, Hayes 62/64, var. Fulford 6, Hayes 63, Hayes 71) ainda que exista um conjunto considerável de formas que atingem os meados do século V (Hayes 61 A/B1 e A/B3, Hayes 67, variante B, El Mahrine 14, Hayes 63), assim como outras que são comuns no século V, podendo ultrapassar os meados desse século (Hayes 80, Hayes 76, Hayes 73 e talvez os exemplares de Hayes 91 aparentados com a 28 da tipologia de Hayes) (Magalhães 2010). Segundo a autora do estudo, a ausência de formas típicas da segunda metade do século V (como Hayes 87, 91c, 94 e 99) indica que os depósitos se terão acumulado certamente na primeira metade do século, sendo que a proporção de formas presentes sugere que se pode afinar esta cronologia para o segundo quartel do século V, datando desse momento o fim da produção de preparados piscícolas na oficina.

No caso da cerâmica de cozinha africana, existe um total de 6 NMI nos conjuntos, na maioria em fabrico C, já parcialmente publicado (Magalhães - Brum - Pinto 2014): tratam-se dos tachos da forma Hayes 197, o prato/tampa Hayes 182 e um fervedor. Posteriormente foram ainda distinguidos um prato/tampa Hayes 185 variante C e uma marmita (tacho) do tipo Sidi Jdidi 7 (tipo 28, variante D de Bonifay) (Bonifay 2004: 236).

O conjunto anfórico é constituído maioritariamente por ânforas Almagro 51c com a presença minoritária de outros tipos regionais, como a ânfora Sado 1, variante B, a Almagro 51a-b, a Lusitana 9, a Lusitana 10 e a Sado 4. Registaram-se igualmente tipos importados como a Keay XIX, a Dressel 23, uma Keay 35B e uma Late Roman 1a (Pinto - Magalhães -

Brum 2012: 403). O conjunto é muito coerente com a informação cronológica obtida pelo estudo da *terra sigillata*, já que a maioria das formas anfóricas atinge o século V e por vezes os meados do século ou até mais tarde. Algumas formas como a Keay 35B e a Late Roman 1a não seriam produzidas antes do século V e outras como a Almagro 51c, variante C, a Sado 1, variante B e a Almagro 51a-b, variante A, são típicas dos diversos contextos da primeira metade do século V escavados em Tróia (Pinto - Magalhães - Brum 2012: 406).

No entanto, o maior conjunto material diz respeito à cerâmica comum. E, se no vale do Sado, existia já um trabalho de décadas de sistematização das produções anfóricas elaboradas durante época romana nos centros produtores (Diogo - Faria 1990, Mayet - Schmitt - Silva 1996, etc.), não existia nenhum trabalho de organização tipológica da cerâmica comum identificada nos mesmos sítios. Propusemos a estudar o conjunto de cerâmica comum presente nestes contextos, procurando aprofundar as questões inerentes à sua aquisição, função e uso. Este trabalho resultou na tese de mestrado "*A cerâmica comum da oficina de salga 1 de Troia (Grândola, Portugal)*".

3. A CERÂMICA COMUM

3.1. OBJETIVOS E METODOLOGIA

Neste estudo pretendia-se que a cerâmica comum fosse analisada do ponto de vista do seu fabrico e da sua morfologia, de forma a aprofundar o conhecimento sobre a possível origem das mesmas e sobre as questões técnicas inerentes à sua produção, por um lado, e a definir categorias morfológico-funcionais que permitissem ponderar o significado destas cerâmicas ao nível da função, do uso e da cronologia, por outro. Procurámos organizar as cerâmicas comuns provenientes das U.E.'s [488] e [519] de forma a criar uma tipologia que pudesse reunir as peças de procedência provavelmente regional assim como aquelas que não foi possível associar com certeza a um centro ou região produtora já definida e tratada tipologicamente na bibliografia consultada.

Na unidade [488] foram identificados 3059 fragmentos, sendo que em [519] se contabilizaram 2605 fragmentos, perfazendo um número mínimo de 625 indivíduos (NMI), correspondente, devido à fragmentação das peças, ao número de bordos classificáveis tipologicamente¹.

No conjunto foi possível identificar treze

categorias morfológicas, divididas em formas que buscaram individualizar as grandes realidades formais presentes numa categoria. Tendo em conta o grau de fragmentação do conjunto em estudo, valorizaram-se as características do bordo para definir as variantes de cada forma. Procurando a maior simplificação do ponto de vista do utilizador desta tipologia, cada categoria formal pode ser designada pelo seu código numérico ou simplesmente pelo seu nome, ao qual se acrescenta a letra da forma e número da variante. Assim a primeira variante de prato poderá ser designada por 1.1.A.1 ou por Prato A.1.

O estudo dos fabricos foi feito com recurso a lupa binocular, tendo-se reconhecido 15 grupos divididos em subgrupos com base no acabamento das superfícies (fig. 3).

Neste artigo o nosso objectivo não será apresentar as variantes de cada forma em detalhe, apresentadas e discutidas na dissertação de mestrado (Santos 2018). O nosso foco passará antes pela apresentação genérica do conjunto e discussão das suas principais características e particularidades.

3.2. OS GRUPOS DE FABRICO

As principais características de cada grupo de fabrico podem ser consultadas na tabela da Figura 3. No que concerne aos grupos de fabrico identificados, destacam-se os grupos 1, 2 e 3 pela preponderância. Estes grupos são muito próximos entre si: o Grupo 1 poderá distinguir-se do Grupo 2 porque este último apresenta uma maior frequência quartzos leitosos ou feldspato. Os dois grupos distinguem-se também pela forma dos minerais de quartzo - no grupo 1 são sobretudo angulosos e no grupo 2 subarredondados a arredondados. No entanto esta é uma distinção que por vezes é muito difícil de observar. A diferença quanto ao Grupo 3 está na textura, mais fina no caso do último grupo. Os três grupos apresentam grande variabilidade quanto à dimensão e frequência dos elementos. É uma proposta de trabalho - a existência de três grupos de fabrico - que acreditamos poder relacionar-se com a variabilidade que existe naturalmente na produção cerâmica numa mesma região, ou até num mesmo centro oleiro. Estes três grupos são idênticos às pastas das ânforas e cerâmicas produzidas nas olarias do Sado, pelo que podem ser consideradas de proveniência regional. De forma a não forçar agrupamentos e demonstrar as dúvidas ainda presentes, manteve-se um conjunto de peças de produção regional "1,2,3?".

O baixo vale do Sado tem um importante

historial de produção cerâmica durante época romana (Mayet - Schmitt - Silva 1996: 201-202, entre outros), potenciado pelo enquadramento geomorfológico específico que propiciou a exploração de argilas das margens do rio Sado. Estão identificada nove olarias de época romana, mas o estado actual dos conhecimentos leva a considerar que as únicas olarias activas após a segunda metade do século III são Abul D (Diogo - Faria 1990, Mayet - Schmitt - Silva 1996: 57), Herdade do Pinheiro (Mayet - Silva 1998: 141-298), Quinta da Alegria (Coelho-Soares - Silva 1979, Mayet - Silva - Schmitt 1996: 78), e Zambujalinho (Fernandes 1998, 2001, Fabião 2004).

Ainda assim apenas no sítio da Herdade do Pinheiro, foram escavados os depósitos de abandono dos diferentes fornos da olaria e entulheiras com datações de meados do século III a meados do século V. Para os restantes os diferentes investigadores descrevem de modo generalizado a ocupação até período indeterminado no Baixo Império. Assim, a produção cerâmica tardoantiga guarda ainda muitas dúvidas. Além disto, casos como o do sítio arqueológico do Monte do Bugio reforçam a necessidade de uma análise crítica aos dados. Este sítio surge referenciado com diversos fornos de produção maioritária de materiais de construção e ânforas de meados do século I a meados do século II, com referência a uma produção que perdura em época medieval e moderna. Ou seja, ainda que se indique primeiramente que este sítio foi ocupado apenas até meados do século II, seguidamente demonstra-se uma perduração da laboração de outros fornos próximos até um momento apenas designado por "época medieval" (Mayet - Schmitt - Silva 1996: 43).

Os Grupos 4, 5 e 6 são também próximos entre si, sendo que os grupos 4 e 5 foram cozidos em ambiente redutor e o Grupo 6 foi cozido em Modo A. O Grupo 4 apresenta uma superfície espessa negra a cinzenta, maioritariamente com polimento. O Grupo 5 distingue-se do Grupo 4 pela ausência da superfície espessa, ainda que negra, e pela raridade de superfícies polidas.

O grupo de fabrico melhor representado é o grupo 1 com aproximadamente 31,7% do conjunto, seguido pelo grupo 2, com cerca de 17,9% e o grupo 5 com 15,5%. Os grupos 1 a 6 foram alvo de análises arqueométricas pelo Laboratório Hércules da Universidade de Évora (apresentadas na dissertação de mestrado (Tsoupras - Mirão 2018 - em Santos 2018, Anexo IV) e que serão publicadas futuramente). Os restantes fabricos são grupos de presença rara

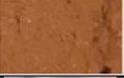
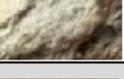
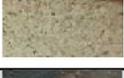
Grupo de fabrico	NMI	Matriz cerâmica	Modo de modelação	Modo de cozedura	Principais inclusões	Textura	Principais acabamentos	Possível origem	Fotografia
1	198	Não calcária	Torno rápido	A	Mica, quartzo, feldspato	Média	Alisamento	Olarias Vale do Sado	
2	111	Não calcária	Torno rápido	A	Mica, quartzo, feldspato	Média	Alisamento	Olarias Vale do Sado	
3	60	Não calcária	Torno rápido	A	Mica, quartzo, feldspato	Média-fina	Alisamento	Olarias Vale do Sado	
4	81	Não calcária	Torno rápido	B	Minerais negros, quartzo, "fragmentos de rocha"	Média	Alisamento e Polimento	Do limite oriental do baixo vale do Sado ao interior alentejano	
5	97	Não calcária	Torno rápido	B	Minerais negros, quartzo, "fragmentos de rocha"	Média	Alisamento	Do limite oriental do baixo vale do Sado ao interior alentejano	
6	6	Não calcária	Torno rápido	A	Minerais negros, quartzo, "fragmentos de rocha"	Média	Alisamento e Engobe	Do limite oriental do baixo vale do Sado ao interior alentejano	
7	5	Calcária	Torno rápido	A	Mica, inclusões cinzentas a negras	Fina	Alisamento	Bética?	
8	7	Caulinitica?	Torno rápido	A	Mica, quartzo e inclusões negros	Média-fina	Alisamento	Desconhecida	
9	4	Não calcária	Manual	A	Inclusões translúcidas (minerais vulcânicos), brancas, negras a cinzentas	Grosseira	Alisamento grosseiro	Pantelleria: forma e fabrico verificados na bibliografia (Santoro Bianchi - Guiducci - Negri 2003; Peacock 1982: 75-80).)	
10	5	Calcária	Torno rápido	A	Inclusões cinzentas a negras (xisto?); quartzo e óxidos de ferro	Média	Alisamento	Bética?	
11	1	Calcária?	Torno rápido	A	Inclusões brancas (calcário?); inclusões avermelhadas (óxidos de ferro ou cerâmica triturada); mica	Média-fina	Alisamento	Desconhecida	
12	1	Calcária?	Torno rápido	A	Inclusões alaranjadas, acinzentadas; inclusões cinzentas escuras, negras a avermelhadas	Média	Alisamento	Desconhecida	
13	4	Não calcária	Torno rápido	B	Mica, quartzo, feldspato (?); inclusões brancas	Média	Alisamento	Desconhecida	
14	1	Calcária?	Torno rápido	A	Inclusões negras, cinzentas a avermelhadas	Média	Alisamento	Bética?	
15	1	Não calcária	Torno rápido	A	Inclusões alaranjadas a acinzentadas; inclusões brancas (microfósseis e calcário?)	Média	Engobe	Norte africana?	

Fig. 3 - Grupos de fabrico identificados.

que corresponderão a prováveis importações. Os grupos 7, 10 e 14 apresentam pastas calcárias, de provável origem bética, ainda que pela comparação com ânforas de origem conhecida. Apenas no caso do grupo de fabrico 9 foi possível identificar claramente com a cerâmica de cozinha de *Pantelleria* através da conjugação de fabrico e paralelos formais na bibliografia (Santoro Bianchi - Guiducci - Tusa 2003, Peacock 1982: 75-80). O grupo de fabrico 15

apresenta características próximas dos fabricos norte-africanos (Bonifay 2004) ainda que os paralelos formais encontrados para a única peça deste grupo não sejam exatos (Bonifay 2004: 284-285) e por isso tenha sido integrado na tipologia.

3.3. AS FORMAS

Ao nível formal, foram identificadas peças de

13 categorias morfológico-funcionais distintas, que compuseram um total de 37 formas subdivididas ao todo em 81 variantes morfológicas (fig. 4). A categoria mais importante é a de potes/ panelas com 23%, seguida pelos pratos com 18,4%, enquanto as categorias menos representadas são os almofarizes que compõem apenas 0,5% do conjunto e as talhas com 0,8%. A distribuição das categorias pelos grupos de fabrico pode ser consultada na tabela da Figura 5.

Primeiramente os pratos (1.1) apresentam uma diversidade formal reduzida onde 90% das peças se integram em duas variantes – Pratos A.1 e B.1. - que por sua vez representam na sua esmagadora maioria duas produções – fabricos 4 e 5 – onde se encontra a maior percentagem de peças polidas. Para os pratos A.1. os paralelos formais dispersam-se entre o século I e V (por exemplo, Mayet - Silva 1998: 106, fig. 13, nºs 41 e 42; 109, fig.39, nºs 28 e 30; 174, fig.65, nºs 108, 110, 111; 260, fig.110, nº 289, fig.110, Santos 2011: 55, Est. II, Silva *et al.* 2014: 184, fig. 23, nº3, Silva - Coelho-Soares 2014: 333), mas na variante B.1 são sobretudo dos séculos IV a V, (por exemplo Mayet - Silva 1998: 234, fig.84, nº47; 260, fig.110, nº285, Pinto 2003: 197-200, Santos 2011: 55, Est. II, Silva - Coelho-Soares 2014: 333) ainda que exista um prato idêntico em Abul de meados do século III (Mayet - Silva 2002: 210, fig.115, nº150). Entre estes paralelos, já se se havia destacado a possível imitação da forma Hayes 61 de *terra sigillata* africana D (Pinto 2003: 197-200) para a forma B.1.

Em apenas três pratos se identificaram vestígios de queimado. Assim, estes pratos seriam cerâmica de mesa destinada sobretudo a servir e consumir alimentos, na óptica do que outros autores já haviam discutido (Alarcão 1974: 31, Santos 2011: 37), ainda que possam ter como função secundária o uso para cozinhar.

Nos pratéis (1.2.) identificaram-se vestígios de queimado na parede interna, com dois casos com vestígios de matéria carbonizada, indicando uma função concreta como queimadores ou uso para iluminação. Raramente na bibliografia estas formas surgem dissociadas dos pratos, sendo difícil paralelizar com outras realidades.

Os pratos covos (1.3) destacam-se pela diversidade formal, sendo que a variante mais importante (1.3.A.1) pertence aos grupos de fabrico 1 e 2, sendo que os pratos covos A.2. se dispersam pelos grupos 1, 4 e 5. Os pratos covos E.1. apresentam uma realidade muito distinta, pela predominância dos grupos de fabrico 4 (33%) e do grupo 5 (67%), sem vestígios de queimado. Pode dizer-se que nesta

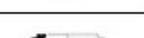
Exemplo (sem escala)	Categoria morfológico-funcional		NMI	% NMI
	Prato	1.1.	115	18,4%
	Pratel	1.2.	22	3,5%
	Prato covo	1.3.	90	14,4%
	Tigela	1.4.	17	2,7%
	Almofariz	1.5.	3	0,5%
	Alguidar	1.6.	49	7,8%
	Tacho	2.1.	36	5,8%
	Pote/panela	2.2.	144	23,0%
	Potinho	2.3.	38	6,1%
	Jarro	2.4.	45	7,2%
	Bilha	2.5.	40	6,4%
	Talha	2.6.	5	0,8%
	Tampa	3.	21	3,4%
	TOTAL		625	100%

Fig. 4 - Categorias morfológico-funcionais identificadas.

categoria parece existir uma grande afinidade entre forma e fabrico. A pesquisa de paralelos não permitiu especificar a cronologia de nenhuma variante. Ainda assim, os paralelos dos pratos covos A.1. (como verificável em Silva - Coelho-Soares 1987: 234; fig.10, nº3, Étienne - Makaroun - Mayet 1994: 61, fig.22, nºs 39-40; nº74 e 75, Mayet - Silva 1998: 233, fig.83, nº 35; 260, fig.110, nº287, 291), A.2. (por exemplo Diogo - Trindade 2000: 204, nº25, 29, Batalha *et al.* 2009: 88, nº18, Gaspar - Gomes 2012: 854, fig.6, nº2, Silva - Coelho-Soares 2014: 233, fig.83, nº39 e 40; nº 86, fig. 15, p.327, Silva - Coelho-Soares 2016: 230, fig.25, nº2; Santos 2011: Est.IV), C.1. (Pinto - Magalhães - Brum 2010b: 535, fig.8, nº17, Gaspar - Gomes 2012: 855, fig.7, nº3, Silveira *et al.* 2014: 282, fig.26, nº20) e E.1. (como pode ver-se em Étienne - Makaroun - Mayet 1994: 61, fig.22, nºs79 e 80, Magalhães 2014: 254, fig.11, nº19, Silva - Coelho-Soares 2016: 230, fig.25, nº1) são sobretudo comuns em contextos dos séculos IV e V, sendo que os paralelos dos pratos covos A.2. e C.1. avançam até ao século VI. Quanto aos pratos covos E.1., encontraram-se perfis semelhantes em

Categorias morfológico-funcionais	Grupos de Fabrico (NMI)															TOTAL	
	1	2	3	1,2,3?	4	5	6	7	8	9 (Pantelleria)	10	11	12	13	14		15
PRATOS	17	4	3	0	63	27	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	115
PRATÉIS	1	0	0	0	7	13	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	22
PRATOS COVOS	36	18	7	3	9	14	0	0	0	3	0	0	0	0	0	0	90
TIGELAS	7	3	1	1	1	1	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	17
ALMOFARIZ	2	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3
ALGUIDARES	29	9	8	2	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	49
TACHOS	15	7	10	3	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	36
POTES/PANELAS	46	30	18	17	1	27	1	2	1	0	0	0	0	1	0	0	144
POTINHOS	3	8	4	6	0	12	0	0	4	0	0	0	0	0	1	0	38
JARROS	22	13	5	1	0	0	0	1	0	0	0	1	0	1	0	1	45
BILHAS	15	7	2	4	0	1	0	2	1	0	5	0	1	2	0	0	40
TALHAS	1	1	1	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	5
TAMPAS	4	10	1	4	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	21
TOTAL	198	111	60	43	81	97	6	5	7	4	5	1	1	4	1	1	625

Fig. 5 - Distribuição do conjunto por forma e fabrico.

outros pratos covos (Silva - Coelho - Soares 2016: 230, fig. 25, nº1) mas também em tigelas (Mayet - Silva 2002: 51, fig.17, nº186, Santos 2011: peças QTR 1724, 1810 e 1811, Est. IX) e almofarizes (Pinto 2003: 275-276). Porém, as tigelas tratam-se de peças mais pequenas e os almofarizes são peças maiores e apresentam vertedouro no bordo, o que não é o caso do nosso conjunto. Assim, revendo a relação diâmetro/ altura, optou-se por classificar estas peças como pratos covos, na sequência dos paralelos mais próximos (para pormenorização desta discussão, vide Santos 2018: 54).

Na categoria dos pratos covos, com 3% dos exemplares, há ainda a considerar a produção de *Pantelleria*, identificada na forma de pratos covos M1.1.2 (Guiducci 2003: 65). Esta produção (a que se acrescenta um prato/tampa da forma L) representa 0,6% no conjunto global da cerâmica comum, sendo que em Balsa, no Sul do território lusitano representa apenas 0,1% da cerâmica comum estudada (Viegas 2007: 83, 2012). Tem igualmente sido identificada ao longo do litoral, desde a costa mediterrânica, em Tarragona (Macias Solé 2003: 28-30), cujos achados se concentram no século V, mas surgem também de forma esporádica no século VI e em Alicante

(Reynolds 1993).

Neste contexto, os pratos covos serão uma categoria multifuncional, o que é demonstrado pelas marcas de uso e pelas diferentes produções presentes. Seriam maioritariamente utilizados na preparação culinária, partilhando funções quer com almofarizes e alguidares como com os tachos, para cozinhados mais a seco, estufados e guisados. Além disso, seriam ainda usados no serviço e consumo de alimentos à mesa.

As tigelas em cerâmica comum (1.4) são escassas no conjunto (2,7%), mas destacam-se pela diversidade formal, demonstrando que para esta comunidade seriam loiça de mesa para consumo alimentar tendencialmente individual. Quanto aos almofarizes (1.5.) representam apenas 0,5%. Por sua vez, os alguidares (1.6.) (7,8%) parecem ser uma categoria pouco padronizada formalmente: os alguidares A.1. e C.1 apresentam perfis repetitivos, mas para as restantes variantes os agrupamentos formais foram consideravelmente mais difíceis de alcançar. Por outro lado, a análise dos alguidares de bordo voltado para o exterior em aba (forma A) havia já feito alguns autores sugerirem a sua associação ao trabalho nas oficinas de salga de peixe (por exemplo

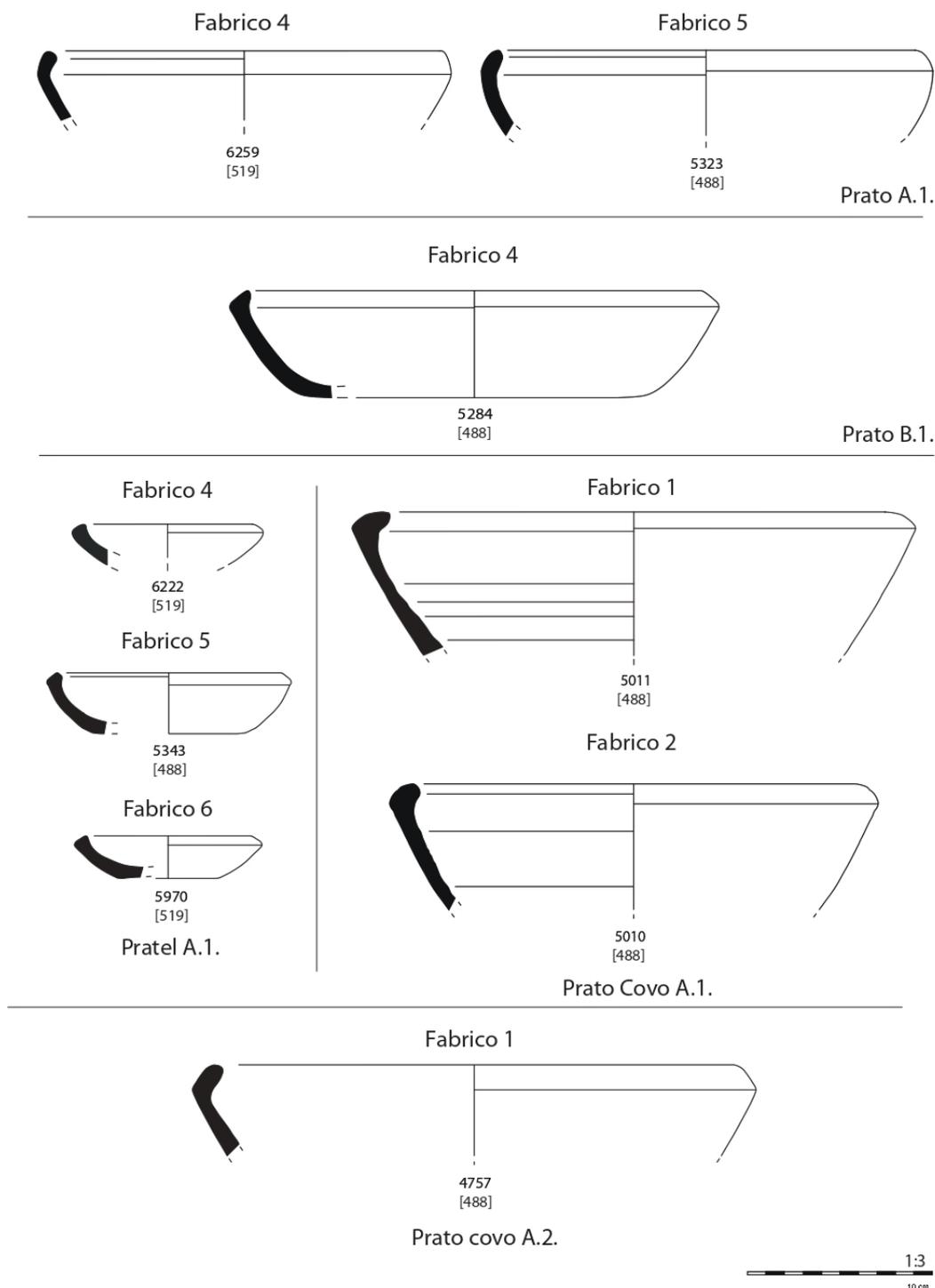


Fig. 6 - Pratos A.1. e B.1.; pratéis A.1. e pratos covos A.1. e A.2.

Diogo 1993: 146). Como referido, o contexto em estudo deve tratar-se sobretudo de depósitos de lixo doméstico, pelo que não é possível acrescentar dados à discussão. A variante A.1. representa 12% dos alguidares, mas é a forma melhor identificada nos demais contextos do vale do Sado numa ampla diacronia (por exemplo Mayet - Silva 1998: 247, fig.97,

nº154-155; 254, fig.104, nº218-220; 262, fig.112, nº315, 316, 319; 235, fig.85, nºs 56 - 64; 236, fig.86, nºs 66 e 70, Mayet - Silva 2002: 52, fig.18, nº202; 21, fig.116, nºs 159 a 162; 212, fig. 17, nº164 a 166, Coelho-Soares - Silva 2018: 145, fig.1, nºs 5 a 8). A variante melhor representada é a dos alguidares C.1. (26%) que parece apontar para uma realidade circunscrita

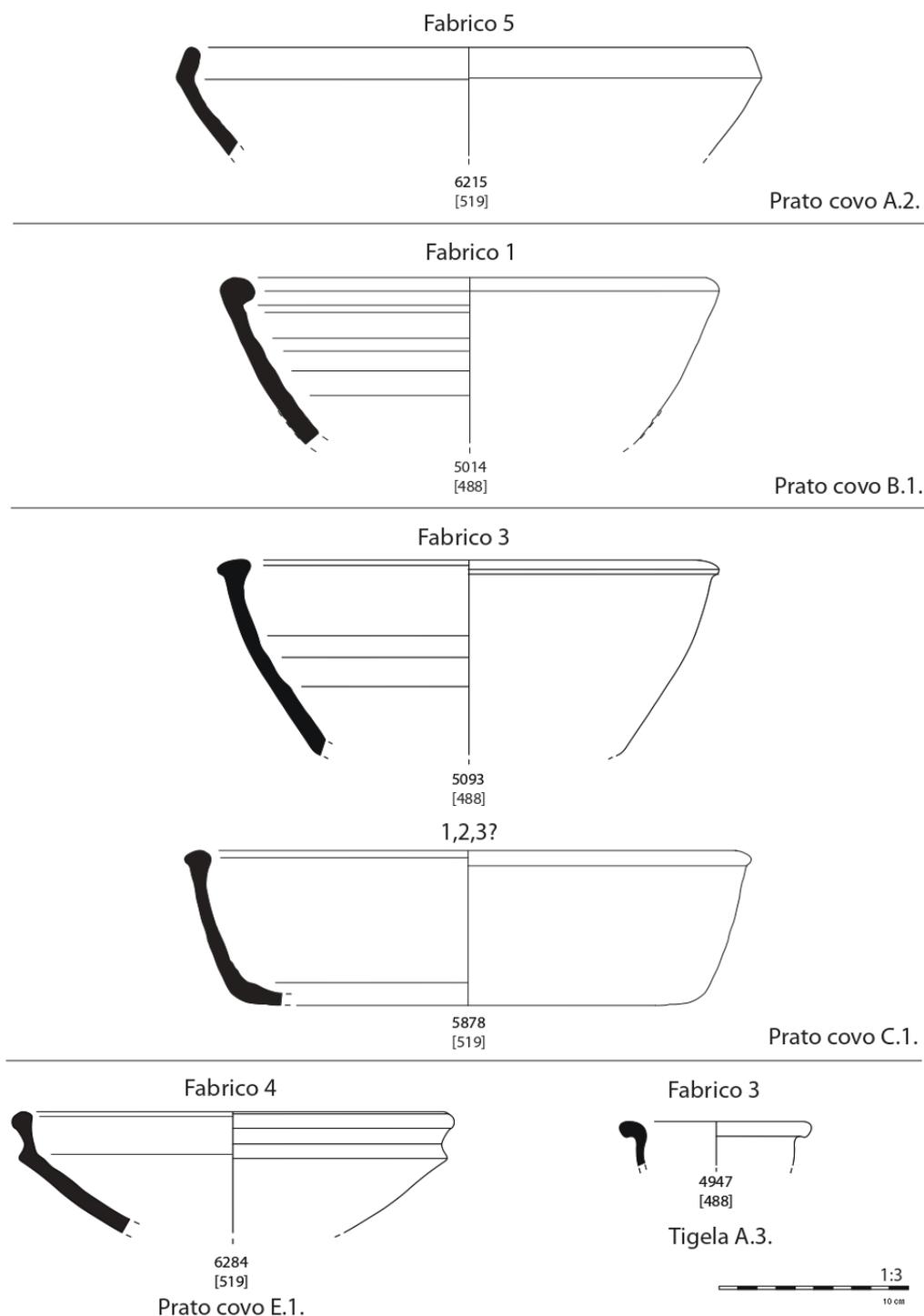


Fig. 7 - Pratos covos A.2, B.1, C.1. e E.1; Tigela A.3.

temporalmente, em contextos dos séculos IV e V (Mayet - Silva 1998, Silva - Coelho-Soares 2014), ainda que em São Cucufate (Vidigueira) as variantes que constituem paralelos retrocedam a meados do século II (Pinto 2003: 291–292, 294-296) e que na Quinta da Bolacha (Amadora) avancem a inícios do século VI (Figueira 2018: 73, Est. X, alguidar 1.5.1).

Nas formas fechadas, surgem os tachos (2.1.) (5,8% do conjunto) que foram a categoria mais difícil de discutir neste conjunto. Quase todos os exemplares de tachos são produções regionais. Os tachos A.1., tal como os potes/panelas A.1 e A.2 – recipientes fechados de bordos dobrados sobre o ombro - são formas muito características na Lusitânia

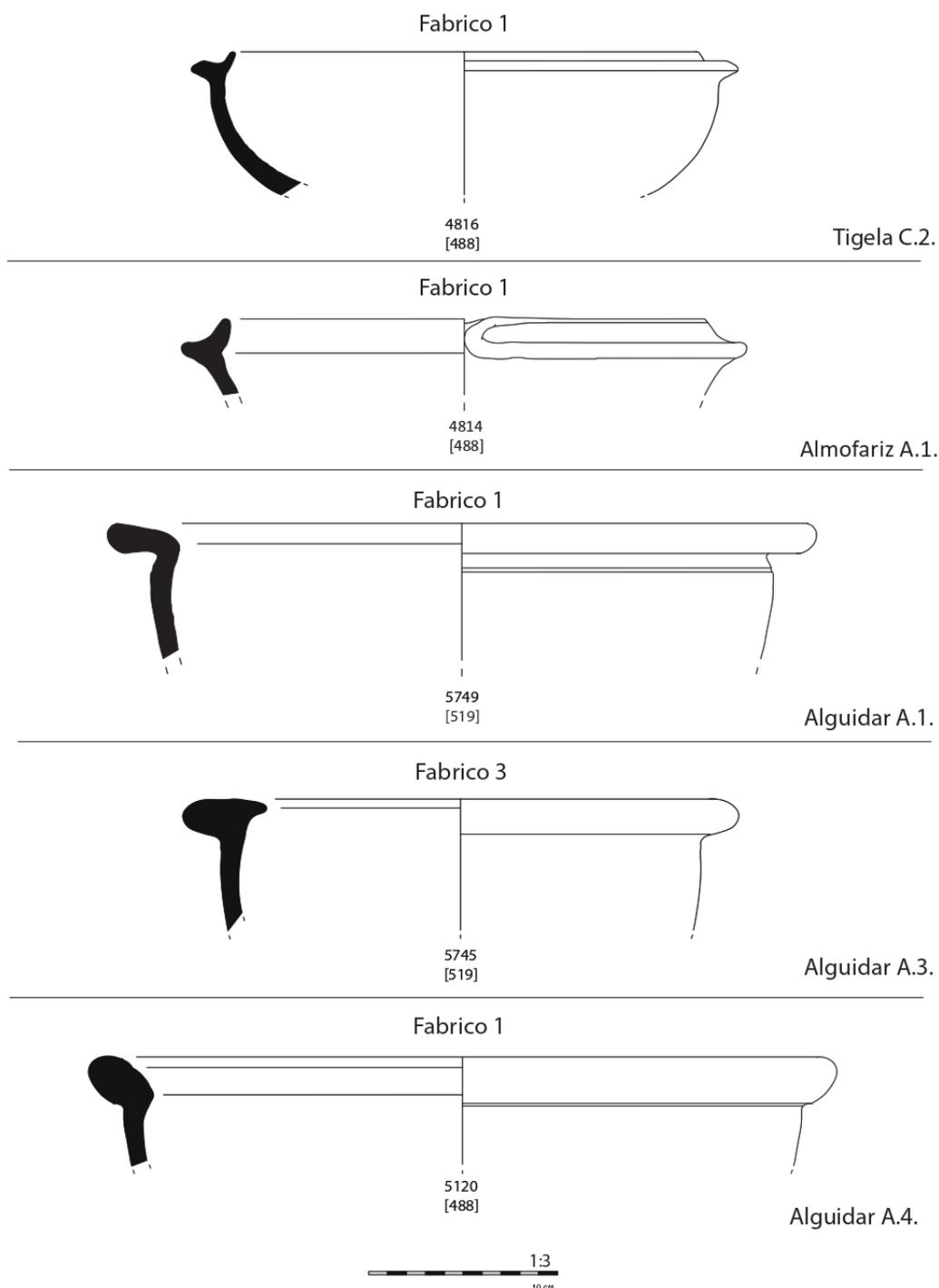


Fig. 8 - Tigela C.2; almofariz A.1; alguidares A.1, A.2; A.3 e A.4.

ao longo dos séculos. Contudo, são minoritários no depósito em estudo. Os tachos da forma C - perfil troncocónico com carena baixa - são menos típicos mas numerosos neste estudo. As variantes C.1. e C.3 só encontram paralelos na cerâmica comum africana (Bonifay 2004: 311) e nas produções consideradas regionais do sudeste e nordeste da Península Ibérica (Jiménez – Bernal - Casasola 2009: 298, fig.4, nº9; 301,

fig.6, nº7 - 10; 305, fig.8, nº2), respectivamente, mas ambas associadas a contextos do século VI e VII. A solução para a cronologia pode estar na alusão feita para as produções de Cartagena (paralelo de 2.1.C.3) que «debieron iniciar su producción a mediados del s. V d.C. retomando en sus repertorios prototipos del Bajo Imperio» (Ruíz Valderas - Laíz Reverte 1988: 300). Apenas futuros estudos permitirão entender

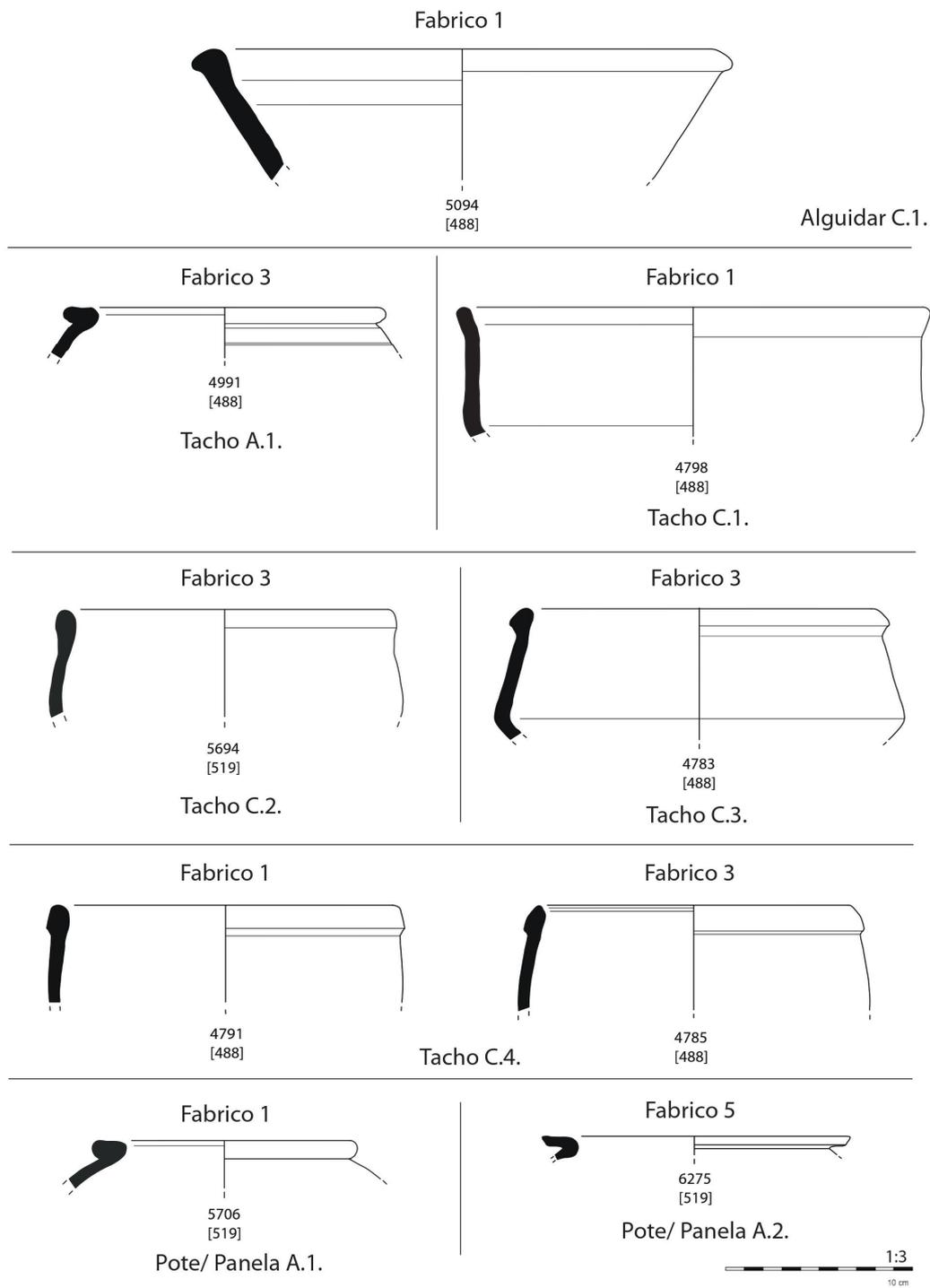


Fig. 9 - Alguidares C.1.; Tacho A.1., C.1., C.2., C.3., C.4.; Potes_ painéis A.1. e A.2.

melhor a realidade em estudo. Finalmente, na variante C.4. (40,5% dos tachos) reuniram-se peças com alguma variabilidade ao nível do bordo em fita, ainda que seja claro que as peças seguem de perto o modelo dos tachos de cerâmica de cozinha africana, nomeadamente as formas Hayes 197 e Sidi Jdidi 5 (Bonifay 2004: 224-225). A Hayes 197 é uma forma

comum na cerâmica de cozinha africana descoberta até hoje em Tróia, presente no sítio ao longo de uma cronologia lata (Magalhães - Brum - Pinto 2014: 705), mas o outro modelo é desconhecido. À exceção de outros contextos publicados de Tróia (Pinto - Magalhães - Cabedal 2014, Silveira *et al.* 2014), não se identificou nada no vale do Sado, pelo que

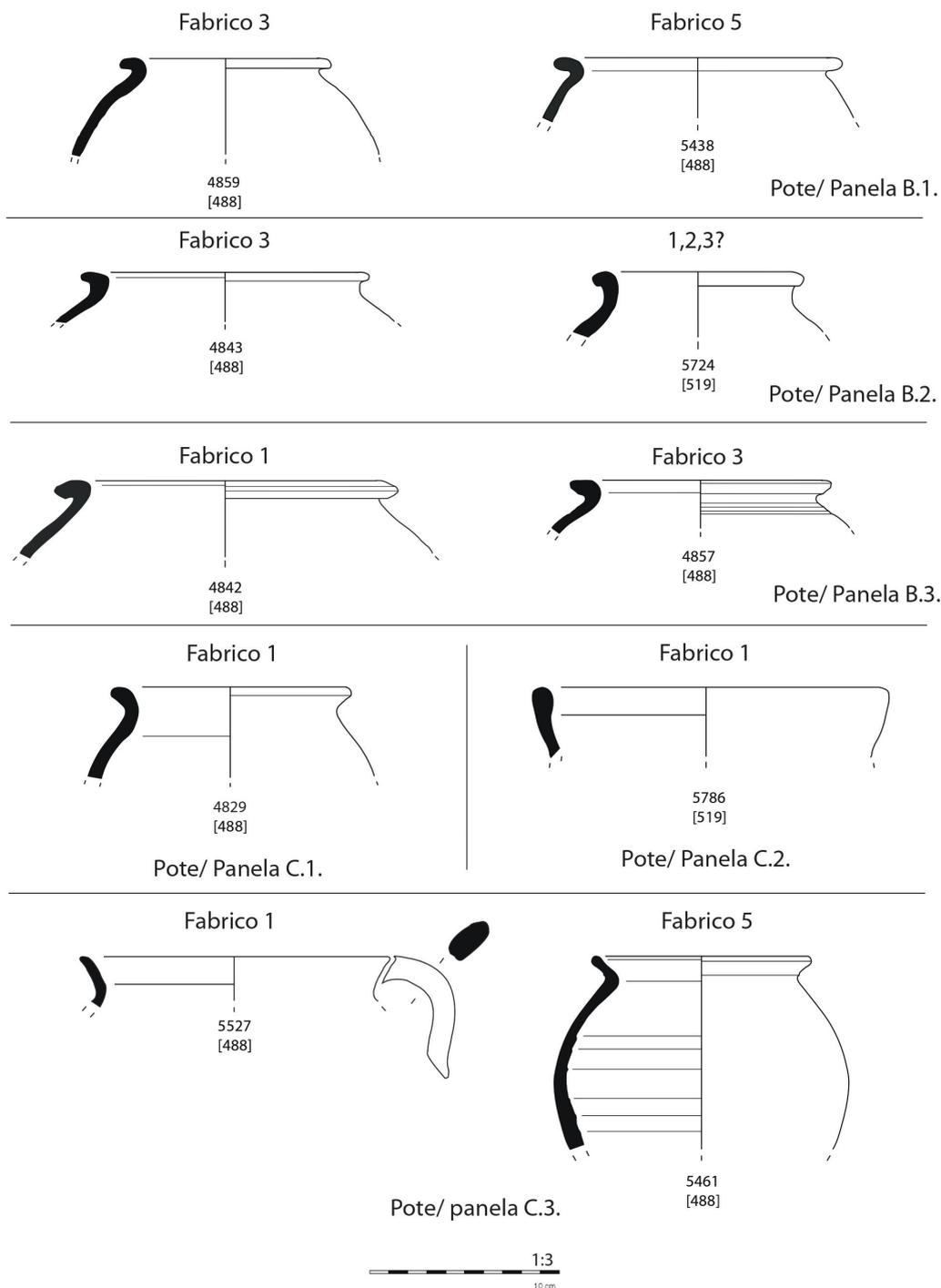


Fig. 10 - Potes_anelas B.1., B.2., B.3., C.1., C.2., C.3.

começa a tornar-se necessário aprofundar os estudos dos materiais já escavados nos diversos centros produtores e publicá-los exaustivamente. Contudo, nos contextos de Setúbal, onde a cerâmica comum foi alvo de estudo aprofundado, nota-se novamente a ausência de tachos desta forma (Silva *et al.* 2014: 161-214, Coelho-Soares - Silva 2018: 143-160). Os tachos C.4. em particular permitem colocar em questão

a ausência de cerâmicas de imitação de cozinha africana que Bonifay realçara para o ocidente lusitano (Bonifay 2014: 76-79) ao contrário do que aconteceria no sul do território (Viegas 2007: 71-84, 2012: 407-417, Viegas - Arruda 2014: 247-260, Bonifay 2014: 76, fig. 1). No entanto, se seguirmos a sua lógica de que a resposta reside no facto de que «l'importation des culinaires africaines n'y était pas suffisamment

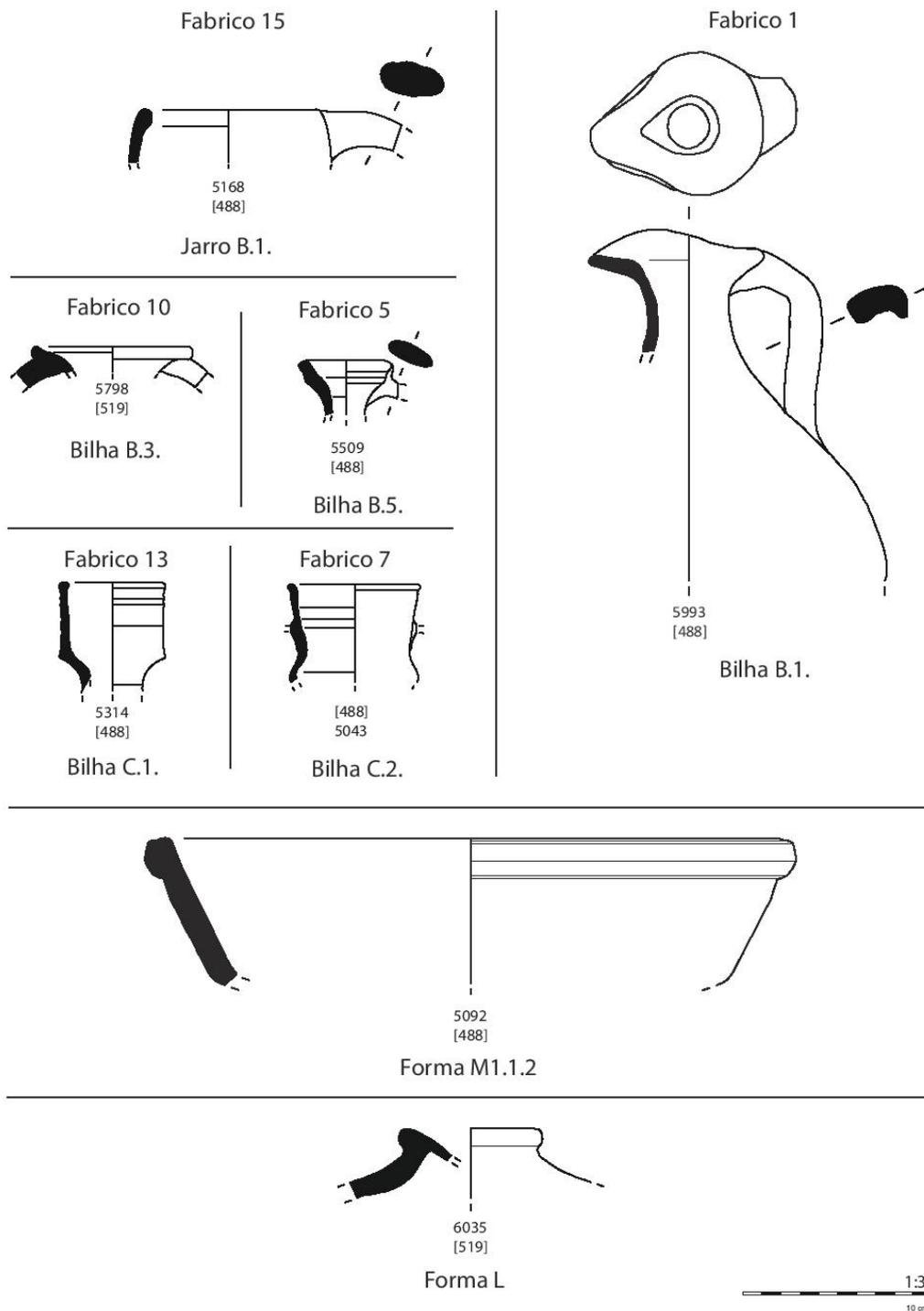


Fig. 11 - Jarro B.1.; Bilha B.1., B.3., B.5., C.1.,C.2.; Cerâmica de cozinha de Pantelleria: Formas M1.1.2. e L

implantée» (Bonifay 2014: 76-79) nesta região, então a resposta à presença destes tachos de provável imitação ou inspiração reside na especificidade do caso de Tróia onde a importância da cerâmica de cozinha africana se destaca no panorama da Lusitânia (Magalhães - Brum - Pinto 2014), só ultrapassado, tendo em conta os dados actuais, pelos conjuntos

de Balsa e Monte Molião (Arruda - Pereira 2017). Ainda assim, é curioso notar como, à excepção da Hayes 197 canónica, os restantes modelos e supostos protótipos identificados, mesmo no caso dos do sul de Espanha, não são conhecidos na região em estudo. Deste modo, poderíamos estar a lidar com um de dois tipos de contexto designados por Bonifay

por “integração” num modelo económico e cultural ou, por outro lado, “substituição de importação” (Bonifay 2014: 88). A influência norte africana já vem sendo sugerida em Tróia (Mantas 1996, Magalhães 2010: 104-113, Magalhães - Brum - Pinto 2014, Pinto *et al.* 2014: 116-121, Pinto - Magalhães - Brum 2016: 309-333, Magalhães - Pinto - Brum no prelo). É tentador pensar que estes conjuntos complementam a cerâmica de cozinha africana e se associam a um costume alimentar concreto, com origem na dieta típica do sul do Mediterrâneo (por exemplo Arthur 2007: 17).

No serviço de mesa e consumo individual de líquidos incluem-se potinhos, jarros e bilhas. Os potinhos (2.3.) representam 6,1% e a sua diversidade morfológica completa-se com a diversidade de produções presentes. Estes podem também ter uma função culinária, já que 18,4% apresentava marcas de queimado. Os jarros (2.4.) (são 7,2%) pertencem sobretudo aos grupos de fabrico de possíveis produções do vale do Sado mas, surgem raramente nos grupos de fabrico 7, 11, 13, 15. Face às bilhas (2.5.) (são 6,4% do conjunto) realça-se a diversidade de origens e a raridade de cada produção extra-regional, que poderão enquadrar-se em lógicas de abastecimento idênticas às de São Cucufate, no interior do território lusitano, desde a segunda metade do século I (Pinto 2003: 579-592).

As talhas (2.6.) são recipientes de armazenamento e destacam-se pela sua raridade no conjunto (0,8%), ainda que se tenham reconhecido três variantes. Finalmente, as tampas (3.) são 3,4% e pela variedade de diâmetros devem ter servido para tapar diferentes recipientes.

4. DISCUSSÃO

4.1. AS PRODUÇÕES DE CERÂMICA COMUM E A SUA AQUISIÇÃO

Foi possível verificar que o grupo de fabrico 1 está presente em todas as categorias morfológico-funcionais, sendo que este e o grupo 2 são apenas suplantados nos pratos covos, pratéis e nos potinhos pelos grupos 4 e 5. Os grupos 1 e 2 apresentam um peso quantitativo grande no conjunto, a que se associa um leque de formas muito diversificado, capaz de responder às necessidades de um quotidiano doméstico, confirmando a sua produção regional (Pinto 2003: 574). O grupo de fabrico 3 poderá corresponder a uma produção um pouco

mais cuidada, ainda que não se verifique nenhuma especificidade no conjunto formal estudado. No caso específico de Tróia, diversos autores vêm mencionando desde há décadas a articulação deste sítio com os centros oleiros da margem oposta do rio, criando uma lógica de interdependência directa, sustentada pela indústria de produção de preparados piscícolas, que permanecerá durante aproximadamente cinco séculos (Diogo - Faria 1990, Étienne - Makaroun - Mayet 1994, etc.). Sabe-se que dentro de uma mesma olaria as pastas apresentam alguma diversidade (Mayet - Schmitt - Silva 1996, Prudêncio *et al.* 2009: 879-882) que teoricamente é ainda maior se tivermos em conta que algumas destas olarias tiveram um período de laboração de vários séculos, ainda muito mal conhecido, que pode naturalmente gerar o recurso a diferentes depósitos de argila e desengordurantes. Esta simples ideia transmite-nos alguma cautela e inibe-nos de identificar os grupos técnicos 1, 2 ou 3 (identificados com base em análise macroscópica) com uma ou mais olarias concretas da região oleira do baixo vale do Sado. Ainda assim, esta podemos equacionar estar perante um abastecimento a partir de diversas olarias da mesma região, na margem norte do Sado, seguindo o modelo de “nucleated workshops” de Peacock (1982: 103), como também já tem sido defendido para o vale do Tejo (Santos 2011: 127, Dias *et al.* 2012: 57-70). Nestes casos o papel dos intermediários surge valorizado, defendendo-se no entanto dois mercados distintos a partir das mesmas olarias: um para os contentores anfóricos, especializado e com uma produção em escala e outro para a loiça doméstica, para um consumo sobretudo privado e familiar.

Como observado os grupos de fabrico 4 e 5 têm uma presença bastante expressiva no conjunto. Mas estão presentes em formas concretas: pratos, pratéis e pratos covos, e em cada categoria em variantes muito específicas, tal como exposto. O grupo de fabrico 5 é ainda importante na categoria dos potes/panelas e dos potinhos. A diferença nas formas entre o grupo 4 e o 5 reside provavelmente no facto do acabamento do grupo 4 – forte alisamento e polimento – ser específico de peças que não vão ao lume e que poderão ter um uso particular como serviço de mesa. Assim, estes grupos não apresentam um perfil de procedência regional, mas uma vez que superam os grupos de fabrico 1,2 e 3 nos pratos, parecem surgir neste cenário como um claro e convincente complemento. Consideramos que estas observações são consonantes com uma das hipóteses de origem

dos grupos de fabrico 4, 5 e 6, apoiada pelas análises arqueométricas: a partir de olarias que usam as formações do complexo de Beja que se estendem ao limite oriental da bacia do Sado, em torno do sítio do Torrão e de Ferreira do Alentejo (Mayet *et al.* 2000: 278-279). Se considerarmos a possibilidade de também os grupos de fabrico 4, 5 e 6 chegarem pelo rio Sado, poderemos estar a referir-nos a duas redes de distribuição regionais distintas. Intermediários (Peacock 1982, Mantas 2010) que adquiriam os produtos mais variados de cerâmica comum (nos grupo de fabrico 1, 2 e 3) nas olarias que também produziam ânforas, ao lado de outros que adquiriam produtos específicos com produção aparentemente especializada a montante no rio Sado (nos grupos de fabrico 4, 5 e 6). No primeiro caso, a população de Tróia receberia os materiais cerâmicos mais variados, que satisfariam as necessidades nas oficinas de salga como em casa, nomeadamente nos usos culinários. No segundo caso, as cerâmicas alcançariam Tróia para abastecer uma procura concreta de cerâmica de mesa, para o espaço doméstico. O grupo 6 parece ter exactamente as mesmas características nas pastas que os fabricos 4 e 5 apenas com uma cozedura de Modo A. Para esse caso, não se entende a escassez no conjunto. Será que a sua raridade tem um significado cronológico? Ou existiria uma demanda específica por um produto de cor preta/ cinzenta? Ou por outro lado, a produção do grupo 6 referir-se-ia sobretudo a formas que não seriam procuradas pela comunidade de Tróia?

No caso das importações, sobressaem a presença de cerâmica de cozinha africana (não incluída no conjunto de cerâmica comum estudado na dissertação, mas analisado como parte do contexto) e de *Pantelleria*, relevantes face à realidade do restante ocidente peninsular. No caso desta última produção, mesmo que represente apenas 0,6%, é uma percentagem superior à do sul do território como visto. Ambas as produções seriam apreciadas pela sua resistência ao choque térmico. É possível pensar que guardariam funções idênticas e que circulariam em rotas marítimas semelhantes, mesmo que no caso da cerâmica produzida na ilha mediterrânica «doubtless sales would have been further enhanced by Pantelleria's role as a port of call» (Peacock 1982: 80). Estas produções testemunham como na primeira metade do século V Tróia se mantém integrada nas rotas comerciais com o Mar Mediterrâneo.

Por fim, segundo os diferentes autores, as cerâmicas de cozinha de *Pantelleria* deveriam ser utensílios do quotidiano e não cerâmicas de

transporte de um qualquer produto (Peacock 1982: 79, Santoro Bianchi - Guiducci - Tusa 2003). Uma vez que estamos ainda assim a analisar uma produção que não parece ter escala comercial, poder-se-á questionar se são vestígios da própria utilização pelos *navigatores* (Garcia Vargas 2006: 52) nas suas travessias, e por isso o testemunho de gentes de paragens distantes? Só o acumular de dados de contextos de Tróia e dos restantes sítios do estuário do Sado poderá aduzir mais elementos à discussão.

4.2. O CONJUNTO DE CERÂMICA COMUM DE TROIA NO CONTEXTO DA LUSITÂNIA

Para poder discutir o significado do conjunto estudado procurámos comparar este conjunto com outros conjuntos de depósitos domésticos estudados na Lusitânia com cronologia conhecida e dados quantitativos, nomeadamente: no vale do Sado, comparámos com os contextos escavados sob a Rua Francisco Augusto Flamengo (Silva *et al.* 2014: 161-214); no vale do Tejo com a Quinta da Bolacha (Figueira 2018); e a *villa* ou *vicus* portuário de Povos (Grilo - Santos 2017) e no interior alentejano com o sítio de São Cucufate (Pinto 2003).

Consecutivamente verificámos que o contexto em estudo se aproxima dos conjuntos sobretudo datados em torno da segunda metade do século IV a meados do V, onde, na cerâmica de mesa (os pratos, as tigelas, os potinhos, os jarros e as bilhas), os pratos existem em percentagens superiores às tigelas e onde na cerâmica de cozinha (pratos covos, tachos, os potes/panelas e tampas) as tampas têm valores percentuais reduzidos e os pratos covos são valorizados. Contudo, a relevância dos pratos covos em Tróia (14,4%) não é igualada em nenhum dos casos estudados. Inversamente, em todos os depósitos analisados, os tachos são mais importantes do que em Tróia, mas os potes/panelas são a categoria mais importante nas *villae* em análise.

Ficou claro que a comunidade que nas primeiras décadas do século V utilizou os recipientes em estudo integra-se numa evolução normal que existiu no litoral ocidental e interior da Lusitânia. A prática quotidiana das cozinhas destas comunidades nesse período valorizou os pratos covos e desvalorizou as tampas. Todavia, as tampas não têm uma relação directa com a diminuição de um recipiente concreto que cobriam. Será evidência de que os cozinhados desta fase, eventualmente mais secos e com menor necessidade de conter o vapor de água, não necessitam de ter uma cobertura no

processo de confecção? Ou outras formas são usadas para o efeito? O serviço para cozinhar os alimentos de Tróia parece sobretudo comparável ao serviço dos horizontes 5 e 6 de São Cucufate (Pinto 2003: 649), onde a ordem entre estas quatro categorias - pratos covos, tachos, potes/panelas e tampas - é mais próxima do que em qualquer um dos outros sítios. Ainda assim, se destaca o valor elevado de pratos covos em Tróia e haverá que entender a reduzida percentagem de tachos face aos restantes conjuntos. Será que os pratos covos satisfariam a mesma função e permitiriam maior quantidade de comida?

Não obstante, em Tróia é indiscutível o predomínio dos potes/panelas. Diferentes autores notaram já a sua importância para a confecção de sopas, purés e cozidos, refeições líquidas ou com bastante caldo (Bats 1988: 65-67, Pinto 2003: 649, Arthur 2007). Mas como referido o reduzido valor dos tachos deve ser matizado na cozinha das comunidades de Tróia pelo intenso uso do prato covo ao lume e forno. Assim, a expressão dos alimentos sólidos, relativamente secos ou semi-líquidos está por seu turno explícita na importância dos pratos à mesa; nos tachos e pratos covos na cozinha (e na raridade das tampas?) (Alarcão 1974: 33, Bats 1988, Arthur 2007), que em conjunto salientam um costume tão importante como o dos potes/panelas. Diferentes autores salientaram que os guisados, estufados ou assados, cozinhados em pouca gordura, tal como massas de cereais e pão e eventualmente carne e peixe em conserva seriam típicos deste serviço de formas mais abertas e baixas.

A reduzida percentagem de tachos quando comparado com outros contextos, é contraditória à presença de tachos em formas únicas no panorama lusitano já acima discutida. Acima de tudo, cremos que espelham a intenção de ter um recipiente para cozinhar de um modo concreto, ligado à cultura do sul mediterrânico (Arthur 2007: 18, Santos 2011: 121-126).

No caso dos recipientes para armazenamento, o conjunto de Tróia é o mais reduzido tendo em conta os dados comparativos, à excepção da segunda fase de Povos no vale do Tejo (Grilo - Santos 2016: 86-115) e da Rua Francisco Augusto Flamengo em Setúbal (Silva *et al.* 2014: 161-214) e o diâmetro médio dos bordos estudados (26,4cm) é sempre inferior aos de São Cucufate, demonstrando vasos mais pequenos. A justificação terá de passar pela especificidade do sítio de Tróia: poderá relacionar-se sobretudo com a dinâmica da ocupação em interdependência directa com o lado Norte da margem do rio Sado, com

circulação constante de gentes e bens, e talvez, com a sazonalidade da ocupação no sítio, que demandaria menor armazenamento. Deve ainda colocar-se a hipótese de uma utilização maior das ânforas como armazenamento, pelo excesso que deveria existir deste recipiente e provavelmente também dos suportes adequados ou até da sua facilidade de encaixe em solo arenoso.

5. CONCLUSÃO

O acervo analisado permitiu reunir um conjunto de dados que nos aproximam dos usos e costumes de uma comunidade concreta, inserida num dos sistemas portuários mais importantes do ocidente hispânico, com uma dinâmica de rotas comerciais, regionais, provinciais e extra-provinciais muito intensa em toda a época romana. Porém, o que acontece nesta região no final do Império e particularmente durante o século V apenas pode ser levemente sugerido (por exemplo Mantas 1996, Pinto - Magalhães - Brum 2016). Ao mesmo tempo, não foi possível fazer uma análise evolutiva, dada a escassez de contextos descobertos em Tróia anteriores ao século IV.

Não obstante, o conjunto estudado permite imaginar uma mesa concreta preparada por esta comunidade para receber uma refeição: na maioria das vezes, estariam dispostos pratos, sobretudo de cor negra, em cozedura redutora (grupos de fabrico 4 e 5) e avermelhada (com a *terra sigillata*) tendencialmente para servir os alimentos e/ou para o consumo comunal dos mesmos. Comer de uma tigela em cerâmica comum, a categoria de consumo individual quase inequívoco, seria incomum. Para o consumo e serviço de líquidos, a presença mais vulgar seria a de um jarro em produção regional, seguida de perto pelas bilhas por sua vez com bastante diversidade de origens, talvez adquiridas e reservadas para servir as bebidas mais espirituosas e de maior valor social e potinhos que seriam os principais no consumo individual de bebidas, ainda que pudessem ser trazidos à mesa com molhos e/ou especiarias, pela sua fisionomia própria. A difusão de uma cultura tendente à prática comunitária de comer de um mesmo prato é um modelo cultural que surge em diversas partes das antigas províncias do Império Romano, que no Império Bizantino por seu turno, culmina no século VII com a representação de cenas, maioritariamente de carácter bíblico onde há um padrão que se repete: «centrally placed on the table, these large dishes were obviously used communally

by all diners with their fingers for the main course. (...) We see each time the same pattern of diners sitting around a large, oval table. Interesting is also on these dining scenes the repeated addition of two cups or chalices (for drinking) next to the usual wide-open, communal dish on the table» (Vroom 2012: 361-363).

Do ponto de vista da própria refeição, foi possível verificar como neste conjunto existem duas fortes evidências: com o predomínio dos potes/panelas e a sua associação à confecção de sopas, purés e cozidos, e por outro lado, a importância dos alimentos sólidos, relativamente secos ou semi-líquidos explícitos na importância dos pratos à mesa; nos tachos e pratos covos na cozinha (e na raridade das tampas?), que denotariam entre outras a tarefa e moda de cozinhar peixe. Estes dados podem ser típicos de um espaço onde há um encontro de culturas diversas.

No âmbito da produção cerâmica regional, os contextos coevos escavados e publicados resumem-se aos do sítio do Pinheiro. Tal como o artigo de Almeida *et al.* (2014: 405-423) referiu para as ânforas, as formas de cerâmica conhecidas neste sítio não espelham todas as formas identificadas nos contextos de consumo e que também devem ter sido produzidas no vale do Sado. Podemos reconhecer um conjunto de formas de fabricos tipicamente regionais que ainda não se conhecem nos centros produtores – sobretudo os tachos da forma C., mas também outras formas como as tigela A.3. e C.2.

Por outro lado, numa pesquisa breve aos conjuntos publicados da olaria do Pinheiro dos contextos mais tardios, existe por exemplo um conjunto de pratos em aba larga, ausentes neste acervo de Tróia (Mayet - Silva 1998: 301, fig.134, nºs 32-33). Em Tróia também não existem os tachos em calote com pega horizontal que surgem no Pinheiro (Mayet - Silva 1998: 302, fig.135, nº 50) e já reconhecidos nos contextos de século V do Creiro (Silva - Coelho - Soares 2016: 231, fig.26, nº1). Estes são provavelmente reveladores de um conjunto formal de cerâmica de cozinha que já é bem conhecido em outras esferas da Península Ibérica com contextos posteriores a meados do século V amplamente escavados (por exemplo Macías Solé 2003: 21-39, Vigil-Escalera Guirado 2006). Esta presença no sítio do Pinheiro denuncia o quanto ainda poderá estar por descobrir nesta região.

Esta comunidade está naturalmente integrada numa lógica já sugerida previamente que defende que «Tróia shows the tendency of sites located in dynamic ceramic production areas that

buy the pottery made in the region, probably very inexpensively» (Magalhães - Brum - Pinto 2014: 707). Mas a comunidade de Tróia da primeira metade do século V que utilizou e se desfez deste conjunto apresenta uma capacidade de aquisição de recipientes mais diversa do que até agora era considerado, com a demonstração de rotas que poderiam ainda assim ser regionais, no caso dos grupos de fabrico 4, 5 e 6. A diversidade de fabricos regionais e extra-regionais parece aproximar mais este conjunto das realidades que estão a ser detectadas no Sul da Lusitânia – nas cidades de *Ossonoba* e *Balsa* (Viegas 2012: 407-417) e do interior lusitano como já referido, do que do vale do Tejo, onde aparentemente a monotonia de produções é maior. A presença da cerâmica de cozinha de *Pantelleria* em Tróia é fácil de entender, se tivermos em conta os dados que os trabalhos de Sónia Bombico têm vindo a aportar, com a identificação de ânforas de produção lusitana nos naufrágios do Mediterrâneo central principalmente até aos inícios do século V (Bombico 2017: 185-203, Quaresma 2017: 135-150) e, junto à Ilha de *Pantelleria*, num naufrágio desta feita atribuído à primeira metade do século VI, e que documentam a integração do ocidente hispânico no seio do complexo sistema de rotas mediterrânicas e com o Oriente (Bombico 2017: 200).

Ainda que a cerâmica comum no contexto do vale do Sado esteja normalmente arredada dos grandes debates em torno da difusão dos contentores anfóricos, a verdade é que a dinâmica criada por esse comércio afecta com maior ou menor expressão porque introduz produções específicas que poderão ter sido úteis e/ou introduz formas que poderão servir de modelos ou inspiração. A constatação de que os depósitos em estudo se podem caracterizar como despojos de lixo doméstico, associa-se às últimas realidades da ocupação que já vêm sendo destacadas. A utilização funerária dos espaços, a basílica paleocristã, os indícios de áreas residenciais e de uma comunidade integradas nas rotas de distribuição regionais e extraprovinciais demonstram como Tróia poderá ter desenvolvido alguma autonomia administrativa.

Notas

² - Uma versão preliminar deste estudo foi apresentada no Congresso LRCW 6, ainda no prelo.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALARCÃO, J. (1974) - *Cerâmica comum local e regional*

- de Conímbriga. Coimbra (Suplementos de biblos 8).
- ALMEIDA, R. - PINTO, I. V. - MAGALHÃES, A. P. - BRUM, P. (2014) - Ânforas piscícolas de Tróia: Contextos de consumo versus contextos de produção. In MORAIS, R. - FERNÁNDEZ, A. - SOUSA, M. J. (eds.) (2014) - *As produções cerâmicas de imitação na Hispânia*. Porto (Monografias Ex-officina Hispana II): 405 – 423.
- ARRUDA, A. M. - PEREIRA, A. (2017) - A Cerâmica de Cozinha Africana de Monte Molião (Lagos, Portugal) e o seu Enquadramento Regional. *Onoba* 5: 21-43.
- ARTHUR, P. (2007) - Pots and boundaries. On cultural and economic areas between late antiquity and early middle ages. In BONIFAY, M. - TRÉGLIA, J.-C. (eds.) - *LRCW 2. Late Roman Coarse Wares, Cooking Wares and Amphorae in the Mediterranean: Archaeology and Archaeometry*. Oxford (B.A.R. International Series 1662- 1): 15-28.
- BATALHA, L. - CANINAS, J. C. - CARDOSO, G. - MONTEIRO, M. (2009) - *A villa romana da Sub-Serra de Castanheira do Ribatejo (Vila Franca de Xira): Trabalhos arqueológicos efectuados no âmbito de uma obra da EPAL*. Lisboa.
- BATS, M. (1988) - *Vaisselle et alimentation à Olbia de Provence (350-50 av.J.Ch.): Modèles culturels et catégories céramiques*. Paris (Revue Archéologique de Narbonnaise Supplément 18).
- BOMBICO, S. (2017) - A exportação de produtos lusitanos na Antiguidade Tardia: rotas, cargas e naufrágios no Mediterrâneo Ocidental (Séculos III a VI) - Dados Preliminares. In TEIXEIRA, C. - CARNEIRO, A. (eds.) - *Arqueologia da Transição: Entre o mundo romano e a Idade Média*. Coimbra (Série Humanitas Supplementum): 185-211.
- BONIFAY, M. (2004) - *Études sur la céramique romaine tardive d'Afrique*. Oxford (BAR International Series 1301).
- BONIFAY, M. (2014) - Céramique africaine et imitations: où, quand, pourquoi? In MORAIS, R. - FERNÁNDEZ A. - SOUSA, M. J. (eds.) - *As produções cerâmicas de imitação na Hispânia*. Porto (Ex Officina Hispana II): 75-91.
- COELHO-SOARES, A. - SILVA, A. T. (2018) - *Caetobriga. O sítio arqueológico da Casa dos Mosaicos*. Setúbal (Setúbal Arqueológica 17).
- COELHO-SOARES, A. - SILVA, C. T. (1979) - Ânforas romanas da Quinta da Alegria (Setúbal). *Setúbal Arqueológica* 5: 205-221.
- DIAS, M. I. - TRINDADE, M. J. - FABIÃO, C. - SABROSA, A. - BUGALHÃO, J. - RAPOSO, J. - GUERRA, A. - DUARTE, A. L. - PRUDÊNCIO, M. I. (2012) - Arqueometria e o Estudo das Ânforas Lusitanas do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (Lisboa) e de Centros Produtores do Tejo. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* 19: 57-70.
- DIOGO, A. M. D. - TRINDADE, L. (2000) - Vestígios de uma unidade de transformação do pescado descobertos na Rua dos Fanqueiros, em Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 3-1: 181-206.
- DIOGO, A. M. D. - FARIA, J. C. L. (1990) - Elementos para a caracterização e periodização de economia do baixo Sado, durante a época Romana. In *Arqueologia Hoje, I EtnoArqueologia*. Faro: 92-106.
- DIOGO, A. M. D. (1993) - Cerâmica comum romana dos fornos do Sado (Olarias e Vale da Ceba). In *Homenagem a J. R. dos Santos Júnior (2)*. Lisboa: 145-146.
- ÉTIENNE, R. - MAKAROUN, Y. - MAYET, F. (1994) - *Un grand complexe industriel à Tróia (Portugal)*. Paris.
- FABIÃO, C. (2004) - Centros oleiros da Lusitânia: balanço dos conhecimentos e perspectivas de investigação. In *Actas del Congreso Internacional Figlinae Baeticae. Talleres alfareros y producciones cerámicas en la Bética romana (ss. II a.C–VII d.C.)*. Oxford: 379-410.
- FERNANDES, I. (1998) - Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos. Projecto: Zambujalinho - Centro Produtor de Ânforas do Vale do Sado. Relatório de Progresso.
- FERNANDES, I. (2001) - Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos. Projecto: Zambujalinho - Centro Produtor de Ânforas do Vale do Sado. Relatório de Progresso.
- FIGUEIRA, A. A. (2018) - *A cerâmica comum da villa romana da Quinta da Bolacha (Amadora, Portugal)*. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa.
- GARCÍA VARGAS, E. (2006) - *Garum sociorum: pesca, salazones y comercio en los litorales gaditano y malacitano*. In *Actas do Simpósio Internacional "Produção e Comércio de Preparados Piscícolas Durante a Proto-História e a Época Romana no Ocidente da Península Ibérica: homenagem a Françoise Mayet*. Setúbal (Setúbal Arqueológica 13): 39-56.
- GASPAR, A. - GOMES, A. (2012) - Cerâmicas comuns da Antiguidade Tardia provenientes do Claustro da Sé de Lisboa - Portugal. In *Actas do X Congresso Internacional A cerâmica medieval no Mediterrâneo. Silves - Mértola, 22 a 27 de outubro de 2012*. Silves/ Mértola: 851-860.
- GRILLO, C. - SANTOS, C. (2016) - A cerâmica comum da villa romana de Povos, Vila Franca de Xira. *Cira Arqueológica* 5: 86-115.
- JIMÉNEZ - CAMINO, R. A. - BERNAL CASASOLA, D. (2009) - Novedades de la Traducta paleobizantina. La secuencia del siglo VII de la Calle Doctor Fleming, 6. *Almoraima* 39: 283-312.

- MACIAS SOLÉ (2003) - Cerámicas tardorromanas de Tarragona: economía de mercado versus autarquia. In CABALLERO, L. - MATEOS, P. - RETUERCE, M. (eds.) - *Cerámicas tardorromanas y altomedievales en la Península Ibérica: ruptura y continuidad*. Madrid: 23-39.
- MAGALHÃES, A. P. (2010) - *A terra sigillata da oficina de salga 1 de Tróia: contextos de escavações antigas (1956-1961) e recentes (2008-2009)*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa. <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/4132>
- MAGALHÃES, A. P. (2014) - Uma cetária de Tróia escavada nos anos 50 do séc. XX. *Setúbal Arqueológica* 15: 245-258.
- MANTAS (1996) - Comércio marítimo e sociedade nos portos romanos do Tejo e do Sado. In FILIPE, G. - RAPOSO, J. (eds.) - *Ocupação Romana dos Estuários do Tejo e Sado*. Seixal: 345-369.
- MANTAS (2010) - Atlântico e Mediterrâneo nos portos romanos do Sado. *Revista Portuguesa de História* XLI: 195-221.
- MAYET, F. - SCHMITT, A. - SILVA, C. T. (1996) - *Les amphores du Sado (Portugal): prospection des fours et analyse du matériel*. Paris.
- MAYET, F. - SILVA, C. T. (1998) - *L'atelier d'amphores de Pinheiro (Portugal)*. Paris.
- MAYET, F. - SILVA, C. T. (2000) - *Le site phénicien d'Abul (Portugal): comptoir et sanctuaire*. Paris.
- MAYET, F. - SILVA, C. T. (2002) - *L'atelier d'amphores d'Abul (Portugal)*. Paris.
- PEACOCK, D. (1982) - *Pottery in the Roman world: an ethnoarchaeological approach*. Londres / Nova Iorque.
- PINTO, I. V. (2003) - *A cerâmica comum das villae romanas de São Cucufate (Beja)*. Lisboa.
- PINTO, I. V. (2010) - La céramique d'utilisation culinaire dans les villas romaines de São Cucufate (Beja, Portugal): morphologie et approvisionnement. In *Les céramiques communes dans leur contexte régional: faciès de consommation et mode d'approvisionnement. Actes de la table ronde organisée à Lyon les 2 et 3 février 2009 à la Maison de l'Orient et de la Méditerranée*. Lyon (*Travaux de la Maison de l'Orient et de la Méditerranée* 60): 113-127.
- PINTO, I. V. - MAGALHÃES, A. P. - BRUM, P. (2010a) - Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos. Projecto: Valorização das Ruínas Romanas de Tróia. Relatório de Progresso 2008- 2009.
- PINTO, I. V. - MAGALHÃES, A. P. - BRUM, P. (2010b) - Ceramic assemblages from a fish-salting factory in Tróia (Portugal). *Rei Cretariae Romanae Fautorum (Acta* 41): 527-539.
- PINTO, I. V. - MAGALHÃES, A. P. - BRUM, P. (2010c) - Sondagem junto ao poço da oficina de salga 1 de Tróia. *Conimbriga* 49: 133-159.
- PINTO, I. V. - MAGALHÃES, A. P. - BRUM, P. (2011) - O complexo industrial de Tróia desde os tempos dos *Cornelii Bocchi*. In CARDOSO, J. L. - ALMAGRO-GORBEA, M. (eds.) (2011) - *Lucius Cornelius Bocchus. Escritor Lusitano da Idade de Prata da Literatura Latina (Colóquio Internacional de Tróia, 6-8 de Outubro de 2010)*. Lisboa-Madrid: 133-167.
- PINTO, I. V. - MAGALHÃES, A. P. - BRUM, P. (2012) - Un dépôt du Ve siècle dans l'officine de salaisons 1 de Tróia, Portugal. *Rei Cretariae Romanae Fautores (Acta* 42): 397-406.
- PINTO, I. V. - MAGALHÃES, A. P. - BRUM, P. (2016) - Tróia na Antiguidade Tardia. In ENCARNAÇÃO, J. D' - CONCEIÇÃO, L. M. - CARVALHO, P. C. (coord.) - *A Lusitânia entre Romanos e Bárbaros*. Coimbra: 309-333.
- PINTO, I. V. - MAGALHÃES, A. P. - BRUM, P. (2018) - A reassessment of the fish-salting workshops 1 and 2 of Tróia (Portugal): the ceramic contexts. *Rei Cretariae Romanae Fautorvm (Acta* 45): 153- 162.
- PINTO, I. V. - MAGALHÃES, A. P. - CABEDAL, V. (2014) - O núcleo fabril do Recanto do Verde (Tróia). *Setúbal Arqueológica* 15: 217-244.
- PINTO, I. V. - MORAIS, R. (2006) - Complemento de comércio das ânforas: cerâmica comum bética no território português. In *Salsas y salazones de pescado en Occidente durante la antigüedad. Actas del Congreso Internacional (Cádiz, 7-9 noviembre de 2005)*. Oxford (*B.A.R. International Series* 1686): 235-254.
- PRUDÊNCIO, M. I. - DIAS, M. I. - GOUVEIA, M. A. - MARQUES, R. - FRANCO, D. - TRINDADE, M. J. (2009) - Geochemical signatures of Roman amphorae produced in the Sado River estuary, Lusitania (Western Portugal). *Journal of Archaeological Science* 36: 873-883.
- QUARESMA, J. (2017) - Thoughts on Lusitania's economic interaction between c.50 and c.550+ a.D.: an analysis of exportable goods. *SPAL* 26: 135-150.
- REYNOLDS, P. (1993) - *Settlement and Pottery in the Vinalopó Valley (Alicante, Spain)*. Oxford (*B.A.R. International Series* 588).
- REYNOLDS, P. - BONIFAY, M. - CAU, M. A. (2011) - Key contexts for the dating of the late Roman Mediterranean fine wares: a preliminary review and 'seriation'. REYNOLDS, P. - BONIFAY, M. - CAU, M.A. (eds.) - *LRFW 1. Late Roman fine wares: solving problems of typology and chronology. A review of the evidence, debate and new contexts*. Oxford (*Roman and Late antique Mediterranean Pottery* 1): 15-32.
- RUÍZ VALDERAS, E. - LAÍZ REVERTE, D. (1988) -

- Ceramicas de cocina de los siglos V-VII en Cartagena (C/. Orce-D.Gil). In *Arte y poblamiento en el SE. Peninsular (Ant. Crist. V)*. Múrcia.
- SANTORO BIANCHI, S. - GUIDUCCI, G. - TUSA, S. (eds.) (2003) - *Pantellerian Ware. Archeologia subacquea e ceramiche da fuoco a Pantelleria*. Palermo.
- SANTORO BIANCHI, S. - GUIDUCCI, G. (2001) - Pantellerian ware a Pantelleria: il problema morfologico. *Rei Cretariae Romanae Favtorvm (Acta 37)*: 171-175.
- SANTOS, C. (2011) - *As cerâmicas de produção local do centro oleiro romano da Quinta do Rouxinol*. Dissertação de Mestrado apresentada a Faculdade de Letras de Lisboa. <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/6119>
- SANTOS, F. (2018) - *A cerâmica comum da oficina de salga 1 de Troia (Grandola, Portugal): contextos da primeira metade do século V*. Dissertação de Mestrado apresentada a Faculdade de Letras de Lisboa. Policopiado. <http://hdl.handle.net/10451/37234>
- SANTOS, V. M. - SABROSA, A. - GOUVEIA, L. A. (1996) - Carta Arqueológica de Almada - elementos da ocupação romana. In FILIPE, G. - RAPOSO, J. (eds.) - *Ocupação Romana dos Estuários do Tejo e Sado*. Seixal: 225- 236.
- SILVA, C. T. - COELHO-SOARES, A. (1987) - Escavações arqueológicas no Creiro (Arrábida), Campanha de 1987. *Setúbal Arqueológica* 8: 221-237.
- SILVA, C.T.-COELHO-SOARES, A. (2014)-Preexistências de Setúbal. A ocupação romana da Travessa de João Galo, N.ºs. 4-4B. *Setúbal Arqueológica* 15: 305 - 338.
- SILVA, C. T. - COELHO-SOARES, A. (2016) - Creiro (Arrábida): um estabelecimento de produção de preparados de peixe da Época Romana. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 19: 211-234.
- SILVA, C. T. - SOARES, J. - COELHO-SOARES, A. - DUARTE, S. - GODINHO, R. (2014) - Preexistências de Setúbal. 2ª campanha de escavações arqueológicas na Rua Francisco Augusto Flamengo, n.ºs 10-12. Da Idade do Ferro ao Período Medieval. *Musa* 4: 161-214.
- SILVA, R. B. da - DE MAN, A. (2012) - Palácio dos Condes de Penafiel: a significant late antique context from Lisbon. In *Actas do X Congresso Internacional A cerâmica medieval no Mediterrâneo. Silves - Mértola, 22 a 27 de outubro de 2012*. Silves/Mértola: 455-460.
- SILVEIRA, T. - ANDRADE, F. - PINTO, I. V. - MAGALHÃES, A.P. - CABEDAL, V. (2014) - Enchimento de praia para protecção das ruínas romanas de Tróia: projecto e acompanhamento arqueológico. *Setúbal Arqueológica* 15: 259-304.
- VIEGAS, C. (2007) - Les céramiques tardives dans les sites du sud-ouest de la Péninsule Ibérique (Algarve-Portugal). In BONIFAY, M. - TRÉGLIA, J.-C. (eds) - *LRCW 2. Late Roman Coarse Wares, Cooking Wares and Amphorae in the Mediterranean: Archaeology and Archaeometry*. Oxford (B.A.R. International Series 1): 71-84.
- VIEGAS, C. (2012) - Imports and local production: common ware from urban sites in Southern Lusitania (Algarve). *Rei Cretariae Romanae Favtorum (Acta 42)*: 407-417.
- VIEGAS, C. - ARRUDA, A. M. (2014) - A Cerâmica de cozinha africana e as suas imitações em Monte Molião (Lagos, Portugal). In MORAIS, R. - FERNÁNDEZ, F. - SOUSA, M. J. (eds.) - *As Produções Cerâmicas de Imitação na Hispania*. Porto (Monografias Ex Officina Hispania II): 247-260.
- VIGIL-ESCALERA GUIRADO, A. (2006) - La cerámica del período visigodo en Madrid. In *La investigación arqueológica de la época visigoda en la comunidad de Madrid*. Alcalá de Henares (Zona Arqueológica 3, 8).
- VROOM, J. - The archaeology of consumption in the Eastern Mediterranean: a ceramic perspective. In *Actas do X Congresso Internacional A cerâmica medieval no Mediterrâneo. Silves - Mértola, 22 a 27 de outubro de 2012*. Silves/Mértola: 359 – 367.

OPHIUSSA

POLÍTICA EDITORIAL

A *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa foi iniciada em 1996, tendo sido editado o volume 0. A partir do volume 1 (2017) é uma edição impressa e digital da UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.

O principal objectivo desta revista é a publicação e divulgação de trabalhos com manifesto interesse, qualidade e rigor científico sobre temas de Pré-História e Arqueologia, sobretudo do território europeu e da bacia do Mediterrâneo.

A *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa publicará um volume anual. A partir de 2018, os artigos submetidos serão sujeitos a um processo de avaliação por parte de revisores externos (*peer review*). O período de submissão de trabalhos decorrerá sempre no primeiro trimestre e a edição ocorrerá no último trimestre de cada ano.

A revista divide-se em duas secções: artigos científicos e recensões bibliográficas. Excepcionalmente poderão ser aceites textos de carácter introdutório, no âmbito de homenagens ou divulgações específicas, que não serão submetidos à avaliação por pares. Isentas desta avaliação estão também as recensões bibliográficas.

Todas as submissões serão avaliadas, em primeira instância, pela Coordenação Editorial, no que respeita ao seu conteúdo formal e à sua adequação face à política editorial e às normas de edição da revista. Os trabalhos que cumprirem estes requisitos serão posteriormente submetidos a um processo de avaliação por pares cega / *blind peer review* (mínimo de dois revisores). O Conselho Científico, constituído pela direcção da UNIARQ e por investigadores externos, acompanhará o processo de edição.

Esta etapa será concretizada por investigadores externos qualificados, sendo os respectivos pareceres entregues num período não superior a três meses. Os revisores procederão à avaliação de forma objectiva, tendo em vista a qualidade do conteúdo da revista; as suas críticas, sugestões e comentários serão, na medida do possível, construtivos, respeitando as capacidades intelectuais do(s) autor(es). Após a recepção dos pareceres, o(s) autor(es) tem um prazo máximo de um mês para proceder às alterações oportunas e reenviar o trabalho.

A aceitação ou recusa de artigos terá como únicos factores de ponderação a sua originalidade e qualidade científica. O processo de revisão é confidencial, estando assegurado o anonimato dos avaliadores e dos autores dos trabalhos, neste último caso até à data da sua publicação.

Os trabalhos só serão aceites para publicação a partir do momento em que se conclua o processo da revisão por pares. Os textos que não forem aceites serão devolvidos aos seus autores. O conteúdo dos trabalhos é da inteira responsabilidade do(s) autor(es) e não expressa a posição ou opinião do Conselho Científico ou da Coordenação Editorial. A Revista *Ophiussa* segue as orientações estabelecidas pelo Committee on Publication Ethics (COPE, Comité de Ética em Publicações): <https://publicationethics.org/>

O processo editorial decorrerá de forma objectiva, imparcial e anónima. Erros ou problemas detetados após a publicação serão investigados e, se comprovados, haverá lugar à publicação de correções, retratações e/ou respostas. As colaborações submetidas para publicação devem ser inéditas. As propostas de artigo não podem incluir qualquer problema de falsificação ou de plágio. Para efeito de detecção de plágio será utilizada a plataforma URKUNDU.

As ilustrações que não sejam do(s) autor(es) devem indicar a sua procedência. O Conselho Científico e a Coordenação Editorial assumem que os autores solicitaram e receberam autorização para a reprodução dessas ilustrações, e, como tal, rejeitam a responsabilidade do uso não autorizado das ilustrações e das consequências legais por infracção de direitos de propriedade intelectual.

É assumido que todos os Autores fizeram uma contribuição relevante para a pesquisa reportada e concordam com o manuscrito submetido. Os Autores devem declarar de forma clara eventuais conflitos de interesse. As colaborações submetidas que, direta ou indiretamente, tiveram o apoio económico de terceiros, devem claramente declarar essas fontes de financiamento.

Os textos propostos para publicação devem ser inéditos e não deverão ter sido submetidos a qualquer outra revista ou edição electrónica. Aceitam-se trabalhos redigidos em português, inglês, espanhol, italiano e francês.

Esta edição disponibiliza de imediato e gratuitamente a totalidade dos seus conteúdos, em acesso aberto, de forma a promover, globalmente, a circulação e intercâmbio dos resultados da investigação científica e do conhecimento.

A publicação de textos na *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa não implica o pagamento de qualquer taxa nem dá direito a qualquer remuneração económica.

Esta publicação dispõe de uma versão impressa, a preto e branco, com uma tiragem limitada, que será distribuída gratuitamente pelas bibliotecas e instituições mais relevantes internacionalmente, e intercambiada com publicações periódicas da mesma especialidade, que serão integradas na Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Conta, paralelamente, com uma versão digital, a cores, disponibilizada no endereço www.ophiussa.letras.ulisboa.pt, onde se pode consultar a totalidade da edição.

Para mais informações: ophiussa@letras.ulisboa.pt

OPHIUSSA

EDITORIAL POLICY

Ophiussa – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa started in 1996, with the edition of volume 0. From 2017, this journal is a printed and digital edition of UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.

The main objective of this journal is the publication and dissemination of papers of interest, quality and scientific rigor concerning Prehistory and Archeology, mostly from Europe and the Mediterranean basin.

Ophiussa – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa will publish an annual volume. From 2018, submitted articles will be subject to a peer-review evaluation process. The submission period will always occur in the first quarter of each year and the edition will occur in the last quarter.

The journal is divided into two sections: scientific articles and bibliographic reviews. Exceptionally, texts of an introductory nature may be accepted, in the context of specific tributes or divulgations, which will not be submitted to peer-review evaluation. Exemptions from this evaluation are also the bibliographic reviews.

All submissions will be considered, in the first instance, by the Editorial Board, regarding its formal content and adequacy in face of the editorial policy and the journal's editing standards. Papers that meet these requirements will subsequently be submitted to a blind peer-review process (minimum of two reviewers). The Scientific Council, constituted by the directors of UNIARQ and external researchers, will follow the editing process.

This stage will be carried out by qualified external researchers, and their feedback will be delivered within a period of no more than two months. The reviewers will carry out the evaluation in an objective manner, in view of the quality and content of the journal; their criticisms, suggestions and comments will be, as far as possible, constructive, respecting the intellectual abilities of the author (s). After receiving the feedback, the author(s) has a maximum period of one month to make the necessary changes and resubmit the work.

Acceptance or refusal of articles will have as sole factors of consideration their originality and scientific quality.

The review process is confidential, with the anonymity of the evaluators and authors of the works being ensured, in the latter case up to the date of its publication.

Papers will only be accepted for publication as soon as the peer review process is completed. Texts that are not accepted will be returned to their authors. The content of the works is entirely the responsibility of the author(s) and does not express the position or opinion of the Scientific Council or Editorial Board.

The Journal *Ophiussa* follows the guidelines established by the Committee on Publication Ethics (COPE, the Ethics Committee Publications): <https://publicationethics.org/>

The editorial process will be conducted objectively, impartially and anonymously. Errors or problems detected after publication will be investigated and, if proven, corrections, retractions and / or responses will be published. Contributions submitted for publication must be unpublished. Article submissions can not include any problem of forgery or plagiarism. In order to detect plagiarism, the URKUNDU platform will be used.

Illustrations that are not from the author(s) must indicate their origin. The Scientific Council and Editorial Board assume that the authors have requested and received permission to reproduce these illustrations and, as such, reject the responsibility for the unauthorized use of the illustrations and legal consequences for infringement of intellectual property rights.

It is assumed that all Authors have made a relevant contribution to the reported research and agree with the manuscript submitted. Authors must clearly state any conflicts of interest. Collaborations submitted that directly or indirectly had the financial support of third parties must clearly state these sources of funding.

Texts proposed for publication must be unpublished and should not have been submitted to any other journal or electronic edition. Works written in Portuguese, English, Spanish, Italian and French are accepted.

The publication of texts in *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa does not imply the payment of any fee nor does it entitle to any economic remuneration.

This edition immediately and freely provides all of its content, in open access, in order to promote global circulation and exchange of scientific research and knowledge.

This publication has a limited printed edition in black and white, which will be distributed free of charge by the most relevant international libraries and institutions, and exchanged with periodicals of the same specialty, which will be integrated in the Library of Faculdade de Letras of Universidade de Lisboa. It also has a digital version, in color, available at address <http://ophiussa.letras.ulisboa.pt>, where one can consult the entire edition.

For more information contact: ophiussa@letras.ulisboa.pt

ÍNDICE

<i>CÉSAR NEVES</i> - O Neolítico Médio em Portugal: percurso de investigação	5
<i>SEBASTIÁN CELESTINO PÉREZ</i> - <i>ESTHER RODRÍGUEZ GONZÁLEZ</i> - El santuario de Cancho Roano C: un espacio consagrado a Baal y Astarté	27
<i>JOÃO PIMENTA</i> - <i>CARLOS TAVARES DA SILVA</i> - <i>JOAQUINA SOARES</i> - <i>TERESA RITA PEREIRA</i> - Revisitando o espólio das escavações de A. I. Marques da Costa em Chibanes: os dados proto-históricos e romano-republicanos	45
<i>GIL VILARINHO</i> - <i>A terra sigillata</i> do Castro de Romariz (Santa Maria da Feira, Aveiro): da romanização ao abandono de um povoado fortificado no Noroeste Peninsular	81
<i>ANA MARGARIDA ARRUDA</i> - Ânforas da Quinta do Lago (Loulé, Portugal): as importações	93
<i>FILIPA ARAÚJO DOS SANTOS</i> - Estudos sobre a cerâmica comum da Oficina de Salga 1 de Tróia (Grândola, Portugal): contextos da primeira metade do século V	111
<i>CATARINA FELÍCIO</i> - <i>FILIPE SOUSA</i> - Dois amuletos em osso de <i>Mirobriga</i> - evidências do culto de Magna Mater?	133
<i>TÂNIA MANUEL CASIMIRO</i> - <i>SARAH NEWSTEAD</i> - 400 years of water consumption: early modern pottery cups in Portugal	145
<i>JOAQUINA SOARES</i> - <i>LÍDIA FERNANDES</i> - <i>CARLOS TAVARES DA SILVA</i> - <i>TERESA RITA PEREIRA</i> - <i>SUSANA DUARTE</i> - <i>ANTÓNIA COELHO-SOARES</i> - Preexistências de Setúbal: intervenção arqueológica na Rua Vasco Soveral 8-12	155
RECENSÕES BIBLIOGRÁFICAS (textos de António F. Carvalho, Victor S. Gonçalves, Francisco B. Gomes, Carlos Pereira, Jesús Acero Pérez e Carmen R. Cañas)	185
<i>IN MEMORIAM</i> - PEDRO MIGUEL CORREIA MARQUES (1979-2019) (texto de Amílcar Guerra) ..	211

